

PARANÁ



# **MERCOSUL**

**MERCADO COMUM DO SUL**



## **O PARANÁ NO MERCOSUL**

**Análise Preliminar de Setores  
mais Sensíveis**

GOVERNO DO PARANÁ  
SECRETARIA ESPECIAL DE GOVERNO  
NÚCLEO MERCOSUL  
SECRETARIA DE ESTADO DO PLANEJAMENTO E COORDENAÇÃO  
GERAL/IPARDES



INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL

**O PARANÁ NO MERCOSUL - ANÁLISE PRELIMINAR  
DE SETORES MAIS SENSÍVEIS**

**CURITIBA  
OUTUBRO 1991**

159p Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social - Fundação Édison Vieira.

O Paraná no MERCOSUL : análise preliminar de setores mais sensíveis / Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social - Fundação Édison Vieira. - Curitiba : IPARDES, 1991.

74p.

1.Cooperação econômica. 2.MERCOSUL. 3.Paraná  
I.Título.

CDU 339.92(816.2)

**SECRETARIA DE ESTADO DO PLANEJAMENTO E COORDENAÇÃO GERAL**

CARLOS ARTUR KRÜGER PASSOS - Secretário

FERDINANDO SCHAUENBURG - Diretor Geral

**IPARDES-FUNDAÇÃO EDISON VIEIRA**

MARIANO DE MATOS MACEDO - Diretor-Presidente

UBIRATAN ULISSES T. BARCELLOS - Secretário Geral

MARIA INÊS CERVENKA DE FREITAS - Coordenadora de Pesquisa

JOSÉ MORAES NETO - Coordenador do Centro Estadual de Estatística

**EQUIPE TÉCNICA**

Maria Lúcia de Paula Urban (economista) - Coordenadora, Alberto Mellis Bianconi (economista), Cirilo Schenkel (economista), Flávio Pinto Bolliger (engenheiro agrônomo), Grácia Maria Viecelli Besen (socióloga), Marina Maruyama Mori (economista), Marino Antonio Castillo Lacay (economista), Paulo Wavruk (economista), Sandra Francis Zismann (economista), Sérgio Wirbiski (economista)

**COLABORAÇÃO**

Maria do Socorro Japiassú Marinho (economista)

Carlos Roberto Sotomayor Valiente (economista)

**APOIO TÉCNICO OPERACIONAL**

Maria Dirce B. Marés de Souza, Luiza F. Pilati M. Lourenço (normalização bibliográfica)

Maria Cristina Ferreira (editoração), Marise Manoel (revisão), Léia Rachel Castellar (operação e processamento de texto), Régia T. Okura Filizola (capa), Edson Luiz Rigoni (reprodução)

## SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS.....	4
LISTA DE QUADROS.....	7
APRESENTAÇÃO.....	8
O TRATADO DE CONSTITUIÇÃO DO MERCOSUL.....	10
PROGRAMA DE LIBERAÇÃO COMERCIAL.....	12
ADOÇÃO DE ACORDOS SETORIAIS.....	14
ESTRUTURA ORGÂNICA.....	14
REGIME DE ORIGEM.....	16
SISTEMA DE SOLUÇÃO DE CONTROVÉRSIAS E CLÁUSULAS DE SALVAGUARDA.....	17
VIGÊNCIA.....	17
<b>SEGMENTOS AMEAÇADOS.....</b>	<b>18</b>
TRIGO.....	19
TRIGO E MERCADO MUNDIAL.....	19
O TRIGO BRASILEIRO.....	20
CEVADA E MALTE.....	28
LEITE E DERIVADOS.....	32
CARNE BOVINA.....	37
FRUTICULTURA - MAÇÃ E UVA.....	42
ALGUNS SEGMENTOS DAS INDÚSTRIAS MECÂNICA E ELÉTRICA PARANAENSES.....	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
ANEXO 1 - SETORES DE EXPORTAÇÃO.....	53
ANEXO 2 - IMPORTAÇÕES E EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE/PARA ARGENTINA URUGUAI E PARAGUAI...	55
ANEXO 3 - EXPORTAÇÕES PARANAENSES PARA ARGENTINA, URUGUAI E PARAGUAI.....	69
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	74

## LISTA DE TABELAS

1	Oferta, demanda, estoque e cotação mundial do trigo - 1985/91.....	19
2	Área, produção e rendimento do trigo nos principais países produtores - 1988/91.....	20
3	Evolução da área, produção e rendimento do trigo, no Brasil e Paraná, participação da produção paranaense na brasileira e posição do Paraná no ranking nacional- 1970, 1980 e 1985-90.....	21
4	Preços de compra do trigo nacional e internacional - 1980-91.....	22
5	Suprimento e consumo de trigo no Brasil - 1980-90.....	22
6	Níveis de produtividade do trigo alcançados na Ar- gentina e Brasil - 1980-89.....	23
7	Custo de produção do trigo nacional - junho 1991.....	24
8	Custo do trigo importado do Canadá, Argentina, França e EUA - janeiro 1991.....	25
9	Alíquota de importação de trigo aplicada sobre o preço CIF por tonelada métrica.....	26
10	Evolução da área colhida, médias de produção e rendi- mento médio nas mesorregiões homogêneas do Paraná - 1986-90.....	27
11	Evolução de área e produção de cevada na Argentina, Brasil e Paraná - 1980-90.....	28
12	Nível de produtividade de cevada na Argentina, Brasil e Paraná - 1980-90.....	29
13	Média trienal de produção e participação do Paraná no Brasil - 1980-90.....	29

14	Quantidade importada de cevada e malte da Argentina e Uruguai - 1987-88.....	30
15	Maltearias brasileiras por estado e capacidade industrial instalada - 1988.....	31
16	Produção de leite no Paraná e na Argentina - 1980-90.....	34
17	Quantidade de leite pasteurizado e industrializado e participação percentual das cooperativas, no Paraná - 1985-88.....	34
18	Quantidade dos produtos derivados do leite produzido na Argentina - 1980-86.....	34
19	Capacidade instalada das unidades processadoras de leite, no Paraná - 1988.....	35
20	Quantidade e valor das importações brasileiras de leite e derivados - 1987.....	35
21	Comparativo do rebanho bovino, no Brasil, Paraná e Argentina, 1980-88.....	39
22	Comparativo do abate de bovinos no Brasil, Paraná e Argentina - 1980-89.....	39
23	Produção de carne bovina, no Paraná - 1984-90.....	40
24	Produção de carne bovina brasileira, evolução das importações, exportações e disponibilidade interna do produto - 1981-90.....	40
25	Exportação de carne bovina argentina - 1985-89.....	40
26	Importação brasileira de carne bovina de origem argentina e uruguaia - 1987.....	41
27	Área cultivada e produção argentina, brasileira e paranaense - 1985/91.....	43
28	Produtividade da maçã argentina, brasileira e paranaense - 1985/91.....	43

29	Total de importações brasileiras de maçã e quantidade importada da Argentina - 1987-88.....	45
30	Área, produção e rendimento de uva itália e rubi, no Paraná - 1989-90.....	47
31	Total de importações brasileiras de uva e quantidade importada da Argentina - 1987-88.....	47



**LISTA DE QUADROS**

1	Comparativo da produtividade do rebanho leiteiro, no Brasil, Argentina e Paraná - 1986-1988.....	35
2	Características das regiões produtoras de leite, no Paraná - 1989.....	35
3	Patrimônio líquido e localização das principais empresas do setor de laticínios - 1989.....	36

## APRESENTAÇÃO

Este documento apresenta alguns aspectos institucionais do Mercado Comum do Sul (MERCOSUL) e reúne as informações disponíveis sobre a conformação econômica desse mercado. Além disso, levanta algumas das questões que essa nova realidade impõe ao Paraná.

Uma avaliação qualitativa sobre intercâmbio comercial de produtos no âmbito do Mercosul mostra que o Brasil conta com uma posição privilegiada, pois apresenta uma base industrial mais diversificada que a dos demais países integrantes. Essa posição concretiza-se nos elevados coeficientes de exportações de produtos industriais (acima de 80%) e num significativo coeficiente de importações de produtos primários e agroindustriais (cerca de 75% das importações totais).

Num contexto mais geral, o Mercosul se insere no processo em curso de formação e consolidação de espaços econômicos multinacionais, a exemplo dos blocos europeus, dos Estados Unidos/Canadá/México, o que impõe a necessidade de avanços da base produtiva dos países membros, visando ao aumento de sua competitividade, interna e externamente.

Assim, o padrão competitivo de alguns segmentos envolvidos poderá ser redefinido no processo de consolidação desse Mercado. No entanto, algumas questões já se colocam com urgência para a agropecuária e agroindústria nacionais.

No âmbito regional, a similaridade da pauta de produtos agropecuários e agroindustriais entre os países envolvidos e os estados do sul poderá se constituir em fator de vulnerabilidade comercial, dependendo das condições produtivas e da produtividade de um e outro.

O Brasil precisará se adequar às exigências de competitividade e complementaridade requeridas pelo Mercosul. Nessa perspectiva, alguns segmentos da atual pauta da produção são considerados sensíveis frente às mais variadas condições, tais como: inovação e incorporação de tecnologia; recursos naturais; custos de produção; tributação; sistemas de escoamentos da produção; infra-estrutura de comercialização, entre outros elementos de caráter também estrutural, que podem constituir entrave à competitividade brasileira.

No âmbito estadual, a fragilização do Paraná frente à Argentina é reforçada pela indefinição da política agrícola e agroindustrial nacional e evidenciada pelos novos critérios de concorrência que impõem a integração.

A saber, foram identificados no Estado, até o momento, os segmentos carne bovina, laticínios (queijo, manteiga e leite em pó), maçã, uva de mesa, trigo, cevada e malte como aqueles que devem se traduzir em preocupação para a base produtiva estadual, face ao processo de integração e concorrência. Como objeto dessa mesma preocupação, incluem-se alguns itens da metal-mecânica que concorrem com produtos similares argentinos.

Cabe considerar ainda que os perfis dos segmentos identificados como possivelmente ameaçados constituem uma primeira aproximação ao problema e, necessariamente, deverão se constituir em alvo de estudos mais aprofundados.

## O TRATADO DE CONSTITUIÇÃO DO MERCOSUL

Em 26 de março de 1991, os Presidentes do Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai assinaram, em Assunção, o Tratado que prevê a criação do Mercado Comum do Sul, cuja sede será instalada na cidade de Montevideu, onde funcionará sua Secretaria Administrativa.

O Tratado estará aberto à adesão de outros países da América Latina após cinco anos da data em que começar a vigorar. O Chile, por não participar de associações extra-regionais, ou outros esquemas de integração sub-regional, constitui-se em exceção, podendo integrar o Tratado antes mesmo desse prazo.

Isso posto, far-se-á aqui um breve esclarecimento sobre a proposta do Tratado e o que ele prevê, de forma que se possa proceder, em documentos a serem elaborados proximamente, a uma avaliação do processo de integração que o Tratado supõe.

O Tratado de Constituição do Mercosul consta de 6 capítulos, 24 artigos e 5 anexos. No capítulo I estão presentes os "Propósitos e Princípios" da criação do Mercosul; no capítulo II, a "Estrutura Orgânica" do Mercado Comum; o capítulo III trata da Vigência do Tratado; o capítulo IV, das "Condições de Adesão"; o capítulo V, dos "Mecanismos de Denúncia" e, o capítulo VI, das "Disposições Gerais". Nos anexos, encontram-se as condições em que se fará o processo de transição, do momento em que passa a vigir o Tratado até a constituição do Mercado Comum do Sul.

Com o Tratado de Assunção, os países envolvidos pretendem constituir o Mercado Comum, que deverá estar conformado em 31.12.94, reconhecidas as diferenças específicas do ritmo para o Uruguai e o Paraguai, os quais manteriam listas de exceções até 31.12.95.

Em linhas gerais, o Mercado Comum implica:

- a) a livre circulação de bens, serviços e fatores produtivos entre os países, através da eliminação dos direitos alfandegários e restrições não-tarifárias à circulação de mercadorias, e de qualquer outra medida equivalente (artigo 1 do Tratado); e
- b) o estabelecimento de uma tarifa externa comum e a adoção de uma política comercial comum em relação a terceiros estados, ou agrupamentos de estados, bem como a coordenação de posições em foros econômico-comerciais regionais e internacionais (artigo 1 do Tratado).

A constituição do Mercosul também implicará a coordenação de políticas macroeconômicas e setoriais entre os estados-partes: de comércio exterior, agrícola, industrial, fiscal, monetária, cambial e de capitais, de serviços, alfandegária, de transportes e comunicações, e outras que se acordem, a fim de assegurar condições adequadas de concorrência entre os estados-partes (artigo 1 do Tratado).

A harmonização de políticas macroeconômicas parece ser um elemento condicionante do sucesso do programa de integração, haja vista as economias dos países envolvidos estarem marcadas por estruturas produtivas e tributárias diferenciadas, elevadas taxas inflacionárias, pesado endividamento externo e graus diferenciados de instabilidade cambial, o que impõe um programa de ajuste simultâneo, sem o qual poderão ser constatadas condições desfavoráveis de competição entre os países.

Aliada a essa questão, uma outra deve ser observada: a de saber qual será a tarifa externa comum a ser adotada por esses países frente a terceiros, tendo em vista a diferenciação apresentada entre as suas respectivas tarifas externas. Nesse sentido, pergunta-se: o Brasil terá de reduzir suas tarifas externas ou a Argentina elevará as suas?

Além da coordenação das políticas macroeconômicas e da adoção de uma tarifa externa comum, os instrumentos a serem utilizados durante o período de transição - definido pelo Tratado como aquele que se estende de sua entrada em vigor até a conformação do Mercado Comum - para a constituição do Mercosul são: o programa de liberação comercial e a adoção de acordos setoriais.

#### PROGRAMA DE LIBERAÇÃO COMERCIAL

O programa de liberação comercial será posto em prática através de um cronograma de desgravação tarifária, o qual consistirá de reduções tarifárias progressivas lineares e automáticas, acompanhadas da eliminação de restrições não-tarifárias, ou medidas de efeitos equivalentes, bem como de outras restrições ao comércio dos estados-partes, para que se encontrem, ao final de 1994, com uma tarifa de alíquota zero sobre a totalidade do universo tarifário.

Tal programa de desgravação deverá ser aplicado tendo como parâmetro a tarifa aduaneira mais favorável vigente em cada estado-parte, no momento de sua aplicação, para os produtos procedentes de terceiros países, não-membros da Associação Latino Americana de Integração (ALADI), de acordo com o seguinte cronograma:

47% de redução	a 30.07.1991
54%	a 31.12.1991
61%	a 30.06.1992
68%	a 31.12.1992
75%	a 30.06.1993
82%	a 31.12.1993
89%	a 30.06.1994
100%	a 31.12.1994

Ainda, está disposto no programa de desgravação tarifária que, se algum estado-parte elevar essa tarifa para importação de terceiros países, o cronograma estabelecido continuará a ser apli-

cado sobre o nível tarifário vigente em 1º de janeiro de 1991.

Por outro lado, se se reduzirem as tarifas, a preferência correspondente será aplicada automaticamente sobre a nova tarifa, na data de entrada em vigor da mesma.

De antemão, o que se pode dizer é que haverá diferentes intensidades no processo de liberação comercial entre os países participantes do Mercosul. Isso porque essas economias já iniciaram, antes da vigência do Tratado, um processo unilateral de redução nas suas atuais tarifas para terceiros países. A Argentina, por exemplo, pratica hoje tarifas externas muito menores que as brasileiras.

Entretanto, esse programa de desgravação não contemplará, de imediato, todo o universo tarifário. Nesse sentido, foram estabelecidas Listas de Exceções (lista indicativa, composta de itens, e estes de produtos) que reúnem os produtos considerados sensíveis à concorrência e que, por isso, ficarão temporariamente fora do programa.

Tais listas compreenderão os seguintes números de itens por países: Argentina, 394; Brasil, 324; Paraguai, 439; e Uruguai, 960.

O Paraguai e o Uruguai foram beneficiados com listas de exceções maiores, dado o reconhecimento, no Tratado, de suas diferenças específicas de ritmo. Para esses países, tais listas somente serão abolidas ao final de 1995, ao contrário do Brasil e da Argentina, que as eliminarão em 1994.

Essas listas serão reduzidas gradativamente e seus produtos serão incorporados ao processo de desgravação, até a sua eliminação total, da seguinte forma:

- Argentina e Brasil - reduzirão suas listas de exceções em 20% anualmente (prática já em vigor desde dezembro de 1990, amparada no Acordo de Complementação Econômica nº 14 (ACE14), até a completa eliminação, ao final de 1994;

- Paraguai e Uruguai - iniciarão o processo de redução de suas listas de exceções a partir da entrada em vigor do Tratado. Tal redução obedecerá ao seguinte cronograma:

10%	na data de entrada em vigor do Tratado
10%	em 31 de dezembro de 1991
20%	em 31 de dezembro de 1992
20%	em 31 de dezembro de 1993
20%	em 31 de dezembro de 1994
20%	em 31 de dezembro de 1995

#### ADOÇÃO DE ACORDOS SETORIAIS

A adoção de acordos setoriais é mais um dos instrumentos a serem utilizados, no período de transição, para a constituição do Mercosul.

Esses acordos, segundo o Tratado, terão a "finalidade de otimizar a utilização e a mobilidade dos fatores de produção para que se alcancem escalas operativas eficientes".

Entretanto, a questão que se coloca aqui diz respeito à vaguidade de seus objetivos, os quais, não estando suficientemente delineados, não permitem que se saiba quais serão os critérios utilizados para sua adoção e nem mesmo o que se entende por acordos setoriais. Além disso, dadas as especificidades das economias envolvidas, pergunta-se se esses acordos serão firmados bilateralmente ou se serão "quadripartites".

#### ESTRUTURA ORGÂNICA

Durante o período de transição, a administração e a execução do Tratado ficarão a cargo dos seguintes órgãos: Conselho do Mercado Comum e Grupo Mercado Comum.

O Conselho do Mercado Comum é o órgão superior do Mercado Comum do Sul e será o responsável pela sua condução política e pelo



cumprimento dos objetivos e prazos estabelecidos para a constituição definitiva do Mercosul. Farão parte desse Conselho os Ministros das Relações Exteriores e da Economia dos estados-partes.

O Grupo Mercado Comum é o órgão executivo do Mercado Comum do Sul e será integrado por quatro membros titulares e quatro membros alternos, representando o Ministério das Relações Exteriores, da Economia e o Banco Central de cada país. A esse órgão caberá, entre outras funções, propor medidas concretas referentes à aplicação do Programa de Liberação Comercial, à coordenação de políticas macroeconômicas e à negociação de acordos frente a terceiros, bem como deverá fixar programas de trabalho que assegurem avanços para o estabelecimento do Mercado Comum.

Esse Grupo contará, inicialmente, para o cumprimento de seus objetivos (de coordenação das políticas macroeconômicas e setoriais), com os seguintes subgrupos de trabalho:

Subgrupo 1: Assuntos Comerciais

Subgrupo 2: Assuntos Aduaneiros

Subgrupo 3: Normas Técnicas

Subgrupo 4: Políticas Fiscal e Monetária Relacionadas com o  
Comércio

Subgrupo 5: Transporte Terrestre

Subgrupo 6: Transporte Marítimo

Subgrupo 7: Política Industrial e Tecnológica

Subgrupo 8: Política Agrícola

Subgrupo 9: Política Energética

Subgrupo 10: Coordenação de Políticas Macroeconômicas

## REGIME DE ORIGEM

Quanto ao tratamento adotado no Tratado para o critério de origem (importante porque visa proteger as relações preferenciais de comércio da prática de triangulação), esse segue o mesmo procedimento da ALADI, em que são considerados nacionais os bens fabricados com 50% de material originário do país.<sup>4</sup>

No entanto, esse seria o regime geral de origem a ser adotado, ficando estabelecida a possibilidade de os estados, em comum acordo, adotarem requisitos específicos de origem, os quais prevalecerão sobre aqueles critérios gerais.

De qualquer modo, na determinação de requisitos específicos de origem, os estados-partes deverão levar em consideração, de forma isolada ou conjuntamente, os seguintes elementos:

- materiais e outros insumos empregados na produção;
- processo de transformação/elaboração utilizado;
- proporção máxima do valor dos materiais importados de terceiros países, em relação ao valor total do produto, que resulte do procedimento de valorização acordado em cada caso.

Em casos excepcionais, quando os requisitos específicos não puderem ser cumpridos, em decorrência de problemas circunstanciais de abastecimento, disponibilidade, especificações técnicas, prazo de entrega e preço, poderão ser utilizados materiais não-originários dos estados-partes. Contudo, essa utilização somente será aplicável até a entrada em vigor da tarifa externa comum para os produtos objeto de requisitos específicos de origem e seus materiais ou insumos. Além disso, esses requisitos não se aplicam a produtos que resultem de operações de ensamblagem ou montagem.

<sup>4</sup>For material entende-se: matérias-primas e partes e peças utilizadas na elaboração das mercadorias.

## SISTEMA DE SOLUÇÃO DE CONTROVÉRSIAS E CLÁUSULAS DE SALVAGUARDA

Está previsto, para o período de transição, que enquanto não houver sido constituído um sistema de solução de controvérsias, essas deverão ser solucionadas, em primeiro lugar, de forma direta pelos estados-partes. De outro modo, as mesmas serão encaminhadas ao Grupo Mercado Comum, e este, num prazo de 60 dias, recomendará soluções.

Também poderão ser aplicadas cláusulas de salvaguarda às importações de determinado estado-parte - não depois de 31.12.94 -, quando essas venham a causar dano, ou ameaça de grave dano, a algum mercado constitutivo do Mercosul.

A análise de dano ou ameaça de grave dano será feita pelos países, tendo como referência os seguintes aspectos:

- nível de produção e capacidade utilizada;
- nível de emprego;
- participação no Mercado;
- nível de comércio entre as partes envolvidas ou participantes de consulta;
- desempenho das importações e exportações com relação a terceiros países.

## VIGÊNCIA

O Tratado terá duração indefinida e sua vigência dependerá do cumprimento de duas condições: primeira, ratificação do Tratado pelos Congressos de pelo menos três dos estados-partes (condição já satisfeita); segunda, depósito dos respectivos instrumentos de ratificação ante o Governo da República do Paraguai, designado pelos demais países como o depositário do Tratado (condição ainda não satisfeita).

## SEGMENTOS AMEAÇADOS

Embora a lista dos segmentos possivelmente ameaçados no âmbito do Mercosul seja ampla (incluindo, por exemplo, os grãos em geral), buscou-se priorizar, neste momento, aqueles produtos que fazem parte da pauta de importações do Brasil e estão presentes na estrutura produtiva paranaense, como trigo, cevada, maçã e uva.

Produtos lácteos e carne bovina foram aqui considerados mais especificamente, tendo em vista que a Argentina apresenta forte tradição e produtividade nesses setores. Além disso, no caso dos produtos lácteos, existe uma concorrência direta da Argentina nos mercados brasileiro e paranaense, principalmente de queijos e manteiga; no caso da carne bovina, as preocupações derivam muito mais da concorrência que se estabelece entre Brasil e Argentina, por fatias de terceiros mercados, que propriamente pelo volume das importações brasileiras.

Objeto de preocupação são também alguns itens da metal-mecânica, que concorrem com produtos similares argentinos.

## TRIGO

## TRIGO E MERCADO MUNDIAL

O trigo é o produto que detém a maior participação na produção mundial de grãos, cerca de 1/3 desse mercado. Segundo informações do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), a produção prevista para a safra 90/91 supera em 10% à da safra 89/90 e, em 18% à da safra 88/89. O consumo, por sua vez, não teve incremento significativo, ocasionando assim um aumento nos estoques mundiais, com reflexos significativos nas cotações do produto no mercado internacional (tabela 1).

TABELA 1 - OFERTA, DEMANDA, ESTOQUE E COTAÇÃO MUNDIAL DO TRIGO - 1985/91

SAFRA	ÁREA (milhões ha)	PRODUÇÃO (milhões t)	CONSUMO (milhões t)	ESTOQUE FINAL (milhões t)	ESTOQUE CONSUMO (%)	COTAÇÕES (US\$/ t)
85/86	229,6	500,1	496,2	168,2	33,9	166,7
86/87	228,2	430,7	522,5	176,4	33,8	135,4
87/88	220,0	502,3	530,2	148,5	28,0	143,3
88/89	218,0	500,4	531,9	117,0	22,0	190,7
89/90	225,5	536,8	534,5	119,3	22,3	181,8
90/91	230,8	589,0	562,9	145,4	25,8	102,6*

FORTE: DERAL-SEAB  
\*Abril 1991

Como principais produtores desse cereal aparecem a China, URSS, EUA, Canadá, Austrália e Argentina, que, juntos, somam 337,7 milhões de toneladas, representando 57% do mercado mundial e um rendimento físico que oscila entre 1 590 e 3 180 kg/ha (tabela 2).

TABELA 2 - ÁREA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO DO TRIGO NOS PRINCIPAIS PAÍSES PRODUTORES - 1988/91

PAÍS	88/89			89/90			90/91			PRODUÇÃO MUNDIAL (90/91) (%)
	Área	Produção	Rendimento	Área	Produção	Rendimento	Área	Produção	Rendimento	
	(1.000 ha)	(1.000 t)	(Kg/ha)	(1.000 ha)	(1.000 t)	(Kg/ha)	(1.000 ha)	(1.000 t)	(Kg/ha)	
URSS	48,1	84,4	1.760	47,6	92,3	1.940	47,5	108,0	2.270	18,0
China	28,8	85,4	3.000	29,8	90,8	3.040	30,3	96,5	3.180	16,0
EUA	21,5	49,3	2.290	25,2	55,4	2.200	28,1	74,5	2.660	13,0
Canadá	13,0	16,0	1.230	13,6	24,6	1.800	14,1	31,8	2.260	5,0
Austrália	8,9	14,1	1.580	8,9	14,1	1.580	9,9	15,7	1.590	3,0
Argentina	4,7	8,4	1.790	5,5	10,2	1.860	5,9	11,2	1.900	2,0
Brasil*	3,3	5,6	1.692	2,7	3,1	1.170	2,1**	3,5**	1.651**	0,5
Outros	89,7	237,2	2.611	92,2	246,3	2.628	92,9	247,8	2.645	42,5
Mundial	218,0	500,4	2.295	255,5	536,8	2.380	230,8	589,0	2.552	100,0

FONTE: DERAL-SEAB

\*Incluído apenas para efeito de comparação

\*\*CNA/DIPLA/DEPOS/DINFO/Setor de Informações da Produção Agropecuária - SEPRO, ago. 1991

Em se tratando da participação das exportações, os países principais são Estados Unidos, que detêm 31% desse mercado, seguidos pelos países da CEE, com 21%, Canadá, com 19%, Austrália, com 12% e Argentina, com 7%.

De outra forma, os importadores principais são União Soviética e China, com 13% e 11%, respectivamente, das importações mundiais, em 1990.

#### O TRIGO BRASILEIRO

A triticultura brasileira representou, em 1990, cerca de 0,5% da produção mundial. A cultura do trigo no Brasil está concentrada nos estados do sul, sendo o Estado do Paraná responsável por mais de 50% da produção nacional, em anos de normalidade de safra (tabela 3).

TABELA 3 - EVOLUÇÃO DA ÁREA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO DO TRIGO, NO BRASIL E PARANÁ, PARTICIPAÇÃO DA PRODUÇÃO PARANAENSE NA BRASILEIRA E POSIÇÃO DO PARANÁ NO RANKING NACIONAL - 1970, 1980 E 1985-90

ANO	BRASIL			PARANÁ			PRODUÇÃO PR/BR	POSIÇÃO DO PARANÁ NO RANKING NACIONAL
	Área (ha)	Produção (t)	Rendimento (Kg/ha)	Área (ha)	Produção (t)	Rendimento (Kg/ha)		
1970	1.895.249	1.844.263	973	287.598	283.308	985	15,36	2ª
1980	3.122.107	2.701.613	865	1.440.006	1.350.006	938	49,97	1ª
1985	2.676.725	4.320.267	1.614	1.301.870	2.639.225	2.207	61,09	1ª
1986	3.864.255	5.689.680	1.472	1.947.000	2.938.694	1.509	51,65	1ª
1987	3.455.897	6.034.586	1.746*	1.717.500	3.252.106	1.894	53,89	1ª
1988	3.467.556	5.737.971	1.655	1.775.000	3.250.000	1.831	56,64	1ª
1989	3.281.416	5.552.841	1.692	1.828.680	3.207.000	1.754	57,75	1ª
1990*	2.683.226	3.139.712	1.170	1.189.639	1.386.865	1.167	44,17	1ª

FONTE: IBGE, DERAL-SEAB

\*Dados preliminares, sujeitos à retificação

Ressalte-se ainda que o Brasil, a partir de 1985, apresentou incrementos significativos na produção e na produtividade, alcançando, no período de 1986-89, níveis de produção bastante próximos da auto-suficiência. Convém notar que é no ano de 1987 que a produção nacional atinge seu patamar máximo de produção e produtividade, passando a registrar, para os anos subseqüentes, um distanciamento gradual do abastecimento do mercado nacional. Segundo informações colhidas junto ao DERAL-SEAB e OCEPAR, essa retração na produção decorre da mudança radical na orientação das políticas de estímulo à produção tritícola nacional.<sup>2</sup> Assim, o preço de garantia, que era dado ao produtor até 1986, sempre superior aos US\$ 200,00/t, cai para US\$ 184,00, em 1987, e para US\$ 181,00, em 1988, atingindo, em 1991, o menor valor historicamente praticado, que é de US\$ 107,90/t.

Observe-se, pois, que os valores definidos a partir de 1989 se aproximam do preço médio/FOB do mercado internacional, com tendência de queda fortemente influenciada pela conformação e ampliação de estoques estruturais dos EUA e CEE e suas respectivas políticas de subsídios à produção e às exportações (tabelas 4 e 5).

<sup>2</sup>Essa questão aparece desenvolvida no trabalho do IPARDES-FUNDAÇÃO EDISON VIEIRA. Acordos Brasil/Argentina : grupos de interesse e impactos no complexo trigo nacional. Curitiba : IPARDES, 1989. 97 p.

TABELA 4 - PREÇOS DE COMPRA DO TRIGO NACIONAL E INTERNACIONAL -  
1980-91

(Em US\$/t)

ANO	TRIGO NACIONAL		TRIGO INTERNACIONAL	
	(PH 78)		(preço médio/FOB)	
1980		190,00		173,65
1981		236,43		185,26
1982		275,00		168,97
1983		204,01		161,02
1984		225,90		150,00
1985		248,31		144,86
1986		241,33		109,60
1987		184,79		90,65
1988		181,23		103,70
1989		165,70		155,98
1990		148,00		151,87
1991		107,90		101,80

FONTE: DERAL-SEAB

OBS.: A safra de 1990 foi a última comercializada pelo CTRIN.

A safra de 1991 será comercializada através de agentes privados e sua cotação dependente das oscilações do mercado internacional. Influenciam essa cotação a situação dos estoques mundiais de trigo e o nível de subsídios das políticas agrícolas dos países produtores, especialmente EUA e CEE

TABELA 5 - SUPRIMENTO E CONSUMO DE TRIGO NO BRASIL - 1980-89

ANO	SUPRIMENTO				CONSUMO	
	Trigo Nacional		Trigo Estrangeiro		TOTAL	
	(t)		(t)		(Milhões t)	
		%		%		
1980	2.084	31	4.718	69	6.802	
1981	2.180	36	3.896	64	6.076	
1982	1.666	27	4.440	73	6.106	
1983	1.872	30	4.447	70	6.319	
1984	1.764	28	4.612	72	6.376	
1985	1.794	30	4.339	70	6.133	
1986	4.696	65	2.507	35	7.203	
1987	4.071	61	2.626	39	6.697	
1988	5.171	81	1.233	19	6.404	
1989	5.741	84	1.123	16	6.864	

FONTE: CTRIN-Banco do Brasil (OCEPAR. Trigo: produção, industrialização e comercialização. Curitiba, 1990. p.34, quadro 12)

Como se observa pelos dados da tabela 6, o Paraná tem apresentado, sistematicamente, em anos de normalidade de safra, uma produtividade superior à de outros estados brasileiros.



TABELA 6 - NÍVEIS DE PRODUTIVIDADE DO TRIGO ALCANÇADOS NA ARGENTINA E BRASIL - 1980-89

PAÍS	(Em kg/ha)									
	1980	1981	1982	1983	1984	1985	1986	1987	1988	1989
Argentina	1.700	1.645	1.420	2.110	1.760	2.236	1.630	1.790	1.960	1.800
Brasil	865	1.151	646	1.139	1.139	1.614	1.472	1.746	1.652	1.692
Paraná	938	1.166	872	1.342	1.342	2.207	1.509	1.894	1.831	1.754
Rio Grande do Sul	748	1.187	395	964	964	974	1.452	1.786	1.527	1.808
Santa Catarina	730	960	588	797	797	1.100	1.194	1.283	895	1.301

FORNTE: Secretaria de Agricultura, Ganadería y Pesca de Argentina, IBGE, Ministério da Agricultura, Acompanhamento da Situação Agropecuária do Paraná-DERAL

No entanto, a análise isolada da produtividade pode levar a conclusões equivocadas sobre a competitividade do produto. Dessa forma, o parâmetro mais correto seria o custo de produção, para o que se requer um estudo mais detalhado. De qualquer forma, apenas para se ter uma aproximação, cabe dizer que, segundo informações colhidas no DERAL/SEAB, junto a técnicos que fazem o acompanhamento conjuntural da cultura, o preço definido para a comercialização do produto hoje (US\$ 107.90/t) permite cobrir apenas os custos variáveis. Para cobrir os custos reais de produção, tendo em vista uma produtividade média de 1 980 Kg/ha, seria necessária uma remuneração aproximada de US\$ 210,00/t (tabela 7).

Segundo a mesma fonte de informações (DERAL/SEAB), para cobrir custos nesse nível de preços, seria necessário alcançar uma produtividade de cerca de 4.500 Kg/ha, situação que vulnerabiliza completamente a triticultura brasileira e a paranaense, em particular.

Todavia, trabalhando-se com a hipótese de que o custo de produção é o custo de reivindicação formulado por uma entidade de classe, como é a OCEPAR, esse inclui itens que asseguram a renda do setor e do produtor junto ao governo federal, quando da fixação dos preços mínimos e dos Valores Básicos de Custeio (VBC). Nesse sentido, eles podem estar superestimados, haja vista que, em contatos informais com técnicos dessa instituição, obteve-se informação de que uma remuneração em torno de US\$ 160.00/t seria considerada suficiente para a manutenção da atividade no Estado, a uma produtividade mínima de 2.000 Kg/ha.

TABELA 7 - CUSTO DE PRODUÇÃO DO TRIGO NACIONAL - JUNHO 1991

ITENS DE DESPESA	CR\$/ha	US\$/ha	%
<b>Custos Variáveis</b>			
<b>Máquinas e Implementos</b>			
Combustíveis	2.560,09	8.64	2,08
Conservação e Reparos	9.172,50	80.95	7,45
<b>Benfeitorias</b>			
Conservação e Reparos	1.945,33	6.56	1,58
Mão-de-Obra Temporária	1.648,43	5.56	1,34
<b>Insumos</b>			
Sementes	11.790,00	39.78	9,58
Fertilizantes	17.830,50	60.35	14,54
Herbicidas	2.453,33	8.28	1,99
Inseticidas	3.488,87	11.77	2,83
Fungicidas	15.128,48	51.04	12,29
Despesas Gerais	660,75	2.23	0,54
Assistência Técnica	1.454,06	4.91	1,18
Transporte Externo	2.095,15	7.07	1,70
Recepção, Secagem e Limpeza	2.073,41	7.00	1,68
PROAGRO	4.362,19	14.72	3,54
Juros sobre capital de giro	6.044,02	20.39	4,91
<b>Subtotal</b>	<b>82.764,61</b>	<b>279.25</b>	<b>67,23</b>
<b>Custos Fixos</b>			
<b>Depreciação</b>			
Máquinas e Implementos	11.912,57	40.19	9,68
Benfeitorias	3.217,72	10.86	2,61
Calcário	1.142,22	3.85	0,93
<b>Seguro</b>			
Máquinas e Implementos	673,31	2.27	0,55
Benfeitorias	187,24	0.63	0,15
ITR	370,61	1.25	0,30
<b>Juro</b>			
Máquinas e Implementos	5.386,45	18.17	4,38
Benfeitorias	3.209,80	10.83	2,61
Terra	5.559,22	18.76	4,52
<b>Mão-de-Obra</b>			
Administrador	5.898,58	19.90	4,79
Tratorista	2.736,23	9.23	2,22
<b>Subtotal</b>	<b>40.293,95</b>	<b>135.94</b>	<b>32,74</b>
<b>TOTAL</b>	<b>123.058,56</b>	<b>415.19</b>	<b>99,97</b>

FONTE: OCEPAR

OBS.: Esses custos se referem à produtividade de 33 sacas/hectare

Outro aspecto importante a se considerar, na perspectiva da discussão da competitividade do trigo nacional, refere-se aos custos do trigo importado. Apesar de não se contar com informações detalhadas sobre custos de produção dos países exportadores, é sabido que o baixo custo de produção do trigo argentino decorre de solos extremamente férteis e planos (praticamente sem acidez, o que minimiza os custos com fertilizantes), além do clima favorável ao não-desenvolvimento de doenças e pragas (o que, por sua vez, minimiza os custos com agrotóxicos). Dessa forma, cerca de 80% dos custos de produção do trigo argentino derivam de mão-de-obra, máquinas e implementos e, apenas 20%, da utilização de insumos.

Ainda, no que se refere à competitividade, convém lembrar as políticas internas de subsídios dos demais países exportadores.

Os dados da tabela 8 permitem visualizar o custo do trigo importado pelo Brasil, no que diz respeito ao imposto de importação e aos custos de internalização do produto.

TABELA 8 - CUSTO DO TRIGO IMPORTADO DO CANADÁ, ARGENTINA, FRANÇA E EUA - JANEIRO 1991\*

(Em US\$/t)

ITEM	CANADÁ	ARGENTINA	FRANÇA	EUA
Preço FOB	94,50	82,50	80,00	100,00
Valor CIF/Brasil	116,12	100,04	101,55	119,05
Imposto Importação (X)	5X	35X	35X	5X
Custo Trigo Descarregado Porto	143,35	156,12	158,15	147,12
Custo Trigo Importado, Posto Moinho	171,73	186,96	189,38	176,09

FONTES: CFP

\*O custo estimado para jan./91 do trigo nacional posto no moinho é de US\$ 171,63/t.

No que se refere à política de importação, o estabelecimento das alíquotas se define de acordo com o preço do trigo importado colocado nos portos brasileiros e objetiva, de algum modo, nivelar o preço do trigo importado ao nacional (tabela 9).

TABELA 9 - ALÍQUOTA DE IMPORTAÇÃO DE TRIGO  
 APLICADA SOBRE O PREÇO CIF POR  
 TONELADA MÉTRICA

PREÇO CIF (EM US\$)	ALÍQUOTA AD VALOREM (%)
0 - 90	80
90 - 95	65
95 - 100	50
100 - 105	35
105 - 110	20
110 - 120	5
Acima de 120	0

FORTE: Ministério da Economia, Fazenda e  
 Planejamento

Ao se refletir sobre as informações das duas últimas tabelas, é possível concluir que, apesar das alíquotas estabelecidas, os níveis de preços são insuficientes ao produtor brasileiro de trigo. Entretanto, dados os elevados custos de internalização decorrentes da carga tributária e transporte, a possibilidade de competir com o trigo importado se estabelece para alguns produtores.

Assim, retomando-se os valores anteriormente mencionados, de US\$ 160/t para produtores com produtividade mínima de 2.000 kg/ha, e assumindo-se a fidedignidade dos dados da tabela 8, é possível deduzir-se que, ainda que se retire o imposto de importação do trigo argentino (decorrente da criação do Mercado Comum), existe um espaço de sobrevivência na atividade para aquela parcela de produtores que se situa nesses níveis de custos e de produtividade, desde que reativados mecanismos estáveis de estímulo à produção.

No Paraná, provavelmente a triticultura deve permanecer nas áreas com maior potencial produtivo, as quais, segundo informações do DERAL e OCEPAR, pertencem às regiões do norte, oeste e centro ocidental, que juntas representam 80,0% da produção do Estado (tabela 10).

TABELA 10 - EVOLUÇÃO DA ÁREA COLHIDA, MÉDIAS DE PRODUÇÃO E RENDIMENTO MÉDIO NAS MESORREGIÕES HOMOGÊNEAS DO PARANÁ - 1986-90

MESORREGIÃO HOMOGÊNEA	ÁREA COLHIDA (ha)						PRODUÇÃO MÉDIA		RENDIMENTO
							1986-89		MÉDIO
	1986	1987	1988	1989	1990	B/A	(t)	X	1986-1989
(A)			(B)		(X)				(kg/ha)
Noroeste	37.343	29.347	32.724	36.240	26.670	(3)	55.036	1,8	1.623
Centro Ocidental	338.320	303.560	344.866	325.493	188.054	(4)	526.827	16,8	1.606
Norte Central	408.941	321.840	367.319	393.284	291.546	(4)	705.885	22,5	1.893
Norte Pioneiro	166.122	150.003	159.745	164.982	160.379	(1)	308.979	9,8	1.929
Centro Oriental	86.890	75.096	67.367	61.432	54.290	(29)	151.771	4,8	2.088
Oeste	611.279	570.045	580.443	631.158	266.058	(3)	1.041.884	33,2	1.742
Sudoeste	144.750	123.677	110.786	121.990	129.721	(16)	172.431	5,5	1.376
Centro-Sul	112.981	87.724	67.720	54.035	52.968	(52)	129.903	4,1	1.611
Sudeste	32.589	29.650	17.720	13.466	15.928	(59)	36.675	1,2	1.570
Região Metrop. de Curitiba	7.537	5.038	5.834	4.100	4.025	(46)	9.796	0,3	1.741
TOTAL	1.946.752	1.695.980	1.753.962	1.806.180	1.189.639	(7)	3.139.187	100	1.743

FONTE: DERAL-SEAB

## CEVADA E MALTE

A produção de cevada brasileira é utilizada, em sua quase totalidade, para fabricação de cerveja. Ao final dos anos 80, o Brasil produziu aproximadamente 200 mil toneladas, tendo como principal produtor o Rio Grande do Sul (tabela 11).

TABELA 11 - EVOLUÇÃO DE ÁREA E PRODUÇÃO DE CEVADA NA ARGENTINA, BRASIL E PARANÁ - 1980-90

ANO	ARGENTINA		BRASIL		PARANÁ	
	Área	Produção	Área	Produção	Área	Produção
	(ha)	(t)	(ha)	(t)	(ha)	(t)
1980	198.000	286.000	72.048	74.680	30.172	35.000
1981	132.200	170.000	95.624	109.877	34.775	35.392
1982	98.000	115.800	166.882	98.524	44.000	31.240
1983	95.500	180.000	120.981	124.931	20.792	18.212
1984	74.000	140.000	73.193	77.517	19.574	18.400
1985	86.500	200.000	110.308	170.618	36.297	62.511
1986	60.000	100.000	103.157	185.573	27.600	60.000
1987	73.500	108.000	102.225	196.783	40.670	92.000
1988	114.000	262.000	102.000	125.533	42.498	49.485
1989	128.200	312.000	113.001	247.502	40.422	102.351
1990	162.000	356.000	105.362	202.948	28.213	50.844

FONTE: DERAL-SEAB, IBGE, Secretaria de Agricultura, Ganadería y Pesca de Argentina

A partir de 1985, a cevada produzida internamente apresentou um incremento da ordem de 90%. No entanto, o que se tem verificado são oscilações importantes na produção. Um dos fatores que tem contribuído para essas oscilações são as variações climáticas que vêm ocorrendo nesses últimos anos. No Paraná, a produção se expande de forma mais intensa. Na primeira metade dos anos 80, eram produzidas, em média, 27,6 mil toneladas, passando, no segundo quinquênio, para 70 mil toneladas. A Agromalte, empresa pertencente à Cooperativa Agrária de Entre Rios Ltda, de Guarapuava/PR, é a principal responsável por esse aumento verificado na produção paranaense de cevada.

Em termos de produtividade, a produção nacional de cevada ganha qualidade com o desenvolvimento de variedades adaptadas para malteação, permitindo, com isso, rendimentos significativos a partir da segunda metade da década de 80. O Paraná assume importância ainda maior, superando, nos últimos anos, o rendimento brasileiro e o da Argentina (tabela 12).

TABELA 12 - NÍVEL DE PRODUTIVIDADE DE CEVADA  
NA ARGENTINA, BRASIL E PARANÁ -  
1980-90

ANO	(kg/ha)		
	ARGENTINA	BRASIL	PARANÁ
1980	1.444	1.037	1.160
1981	1.286	1.149	1.018
1982	1.182	590	710
1983	1.885	1.033	876
1984	1.892	1.059	940
1985	2.312	1.547	1.722
1986	1.667	1.799	2.174
1987	1.469	1.925	2.262
1988	2.298	1.231	1.164
1989	2.434	2.190	2.532
1990	2.198	1.926	1.802

FONTE: Tabela 11

O Paraná é o segundo maior produtor brasileiro de cevada, com uma produção em torno de 70 mil toneladas, conforme mostram os dados de sua participação nos últimos dez anos (tabela 13).

TABELA 13 - MÉDIA TRIENAL DE PRODUÇÃO E PAR-  
TICIPÇÃO DO PARANÁ NO BRASIL -  
1980-90

PERÍODO	(Em t)		
	BRASIL (A)	PARANÁ (B)	B/A
1980-82	94.360	33.877	35,9
1981-83	111.111	28.281	25,5
1982-84	100.324	22.617	22,5
1983-85	124.355	33.041	26,6
1984-86	144.569	46.970	32,5
1985-87	184.325	71.504	38,8
1986-88	169.296	67.162	39,7
1987-89	189.939	81.279	42,8
1988-90	191.994	67.560	35,2

FONTE: Tabela 11

Em 1988, o consumo brasileiro de cevada foi de aproximadamente 400 mil toneladas e a produção e os estoques do ano anterior somaram aproximadamente 182 mil toneladas, o que requereu, portanto, a importação de 218.365 toneladas da Argentina, Austrália, Nova Zelândia, Reino Unido e Uruguai (tabela 14).

TABELA 14 - QUANTIDADE IMPORTADA DE CEVADA E MALTE DA ARGENTINA E URUGUAI - 1987-88

(Em t)

ANO	CEVADA					MALTE				
	TOTAL	Import.	Import.			TOTAL	Import.	Import.		
	Import.	Argent.	Uruguai	B/A	C/A	Import.	Argent.	Uruguai	B/A	C/A
(A)	(B)	(C)			(A)	(B)	(C)			
1987	99.465	12.000	18.550	12,1	18,6	285.747	-	42.500	-	14,9
1988	218.365	96.896	41.500	44,4	19,0	310.501	7.915	48.780	2,5	15,7

FONTE: CACEX-Banco do Brasil

É importante destacar que, à medida que ocorrem variações significativas na produção interna de cevada, as maltearias recorrem de imediato às importações. O Brasil, em safras normais, importa da Argentina e Uruguai, em média, 30% da cevada consumida. A partir do momento que ocorrem quebras de safras, como a de 1988, esses dois países, principalmente a Argentina, passam a ofertar acima de 60%.

O malte, ou cevada maltada, é o produto resultante da germinação forçada e controlada da cevada, sob condições especiais de umidade e calor. O Brasil, nos últimos anos, tem apresentado um consumo anual de 500 mil toneladas, das quais aproximadamente 300 mil são importadas principalmente da França, Reino Unido, Bélgica e também do Uruguai, que tem ofertado em média 15%, anualmente.

A capacidade industrial atual de malte no Brasil é de 185.000 toneladas, distribuídas conforme aparecem na tabela 15.



TABELA 15 - MALTEARIAS BRASILEIRAS POR ESTADO E CAPACIDADE INDUSTRIAL INSTALADA - 1988

EMPRESA	ESTADO	CAPACIDADE INDUSTRIAL (t/ano)
Cia. Cervejaria Bramha S/A	Rio Grande do Sul	95.000
Cia. Cervejaria Antártica Paulista S/A	Rio Grande do Sul	2.000
Cia. Cervejaria Antártica Paulista S/A	São Paulo	25.000
Agromalte	Paraná	63.000
TOTAL	-	185.000

FONTE: Cervejarias, Agromalte

Mesmo com o crescimento significativo da produção interna de cevada nos últimos anos, ocasionado pelo aumento da área plantada e, principalmente, por uma melhoria na produtividade, o Brasil não é auto-suficiente na produção do cereal e, conseqüentemente, na produção de malte.

O que se verifica (e está a merecer um estudo mais aprofundado) é que, para as grandes empresas produtoras de malte, pouco interessa a origem da cevada, mas sim os preços acessíveis do cereal. Essa situação fica bem evidente a partir do momento em que ocorrem frustrações de safras no Brasil, pois essas empresas recorrem, de imediato, às importações de outros países produtores.

Nesse sentido, para a cevada, parece já estar caracterizado um mercado sem muitas barreiras, o qual tem proporcionado às indústrias de malte uma oferta constante e garantida de matéria-prima.

Cabe ainda considerar, a partir de levantamentos a serem realizados, qual o nível de interferência do mercado internacional sobre os preços internos, haja vista a conformação dos estoques mundiais de grãos, assim como as políticas de subsídios dos países exportadores.

## LEITE E DERIVADOS

No Paraná, a produção de leite tem crescido 5% ao ano, em média, totalizando 33% de acréscimo no período 1982-90. Quase 3/4 dessa produção é cooperativada.

Na Argentina, apesar de algumas oscilações, ocorreu um incremento de produção da ordem de 16% no período. A produtividade média do rebanho leiteiro argentino equivale ao dobro da paranaense e ao triplo da brasileira. No entanto, no Paraná existem diferenças regionais importantes. Por exemplo, no sul do Estado, onde predomina o rebanho de raça holandesa, a produtividade é muito superior à média estadual, atingindo 5.000 l/vaca/ano, em algumas cooperativas da região. Embora seja a região tecnologicamente mais desenvolvida, detém apenas 23,32% da produção de leite do Estado.

Já, a importância das cooperativas no setor de leite e derivados é bastante elevada no Paraná. Chegam a controlar quase a totalidade (94%) do leite pasteurizado, 100% do leite em pó e cerca de 30% da produção de laticínios.

A produção nacional de laticínios é realizada por grandes empresas de renome nacional e internacional, como a Vigor, Leco, Lacesa e a Danone, localizadas basicamente no grande eixo produtor e consumidor de leite e derivados do país (São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais).

A estatística de industrialização do leite na Argentina revela que a produção de leite em pó e doce de leite se destacou das demais, experimentando acréscimos de 53% e 29%, respectivamente, no decorrer do período 1980-86. Embora sejam poucas as informações estatísticas disponíveis, sabe-se que o consumo per capita de produtos lácteos na Argentina é muito elevado, sobrando apenas uma pequena

parcela anual que é exportada (5% do total produzido). O consumo per capita de queijo na Argentina, por exemplo, é de 7 kg/ano, enquanto no Brasil é de apenas 3 kg/ano, conforme indica recente pesquisa realizada pela Associação Brasileira da Indústria de Queijos (ABIQ).

Nas importações brasileiras de leite e derivados, a Argentina e o Uruguai participaram com 60% do total do queijo comprado pelo Brasil, em 1987.

Embora só se disponha de informações sobre a produtividade física do rebanho leiteiro e não sobre os custos reais de produção, é possível supor que a produção argentina leve vantagem sobre a paranaense, uma vez que a produtividade física obtida naquele país é muito superior.

Assim, para as regiões do sul do Estado que vêm se especializando na produção leiteira e na sua industrialização, e onde se concentram as cooperativas de porte, como os grupos Batavo e Witmarsum, os impactos do Mercosul poderão não ser tão danosos. Sabe-se, por exemplo, que a Batavo já vem investindo pesadamente na modernização/produtividade e criação de novos produtos (com inversões previstas de US\$ 275 milhões nos próximos quatro anos). Isso demonstra que esses grupos estão se estruturando para enfrentar as condições concorrenciais que vêm se impondo ao setor.

A pecuária do norte do Estado, notadamente pouco especializada em leite, provavelmente se fortalecerá como produtora de carne, podendo até manter sua parcela leiteira, desde que se ajuste tecnologicamente aos padrões exigidos pela concorrência.

No entanto, é importante ressaltar que, dada a alta elasticidade/renda do produto, uma situação de retomada do crescimento econômico no país inevitavelmente forçará o setor leiteiro a se expandir significativamente para atender aos acréscimos de demanda interna, o que pode proporcionar alteração expressiva no perfil de produção do setor (tabelas 16 a 20 e quadros 1, 2 e 3).

TABELA 16 - PRODUÇÃO DE LEITE NO PARANÁ E NA ARGENTINA - 1980-90

(Em milhões de litros)

ANO	PARANÁ					ARGENTINA	
	Produção TOTAL (A)	índice Simples de Crescimento	Produção Co- mercializada (B)	B/A	Partic. das Cooperativas (X)	Produção TOTAL	índice Simples de Crescimento
1980	-	-	-	-	-	5.147	100
1981	-	-	-	-	-	5.120	99
1982	896	100	360	40,2	68,18	5.200	101
1983	905	101	374	41,3	68,50	5.472	106
1984	940	105	403	42,9	72,22	4.902	95
1985	979	109	437	44,6	73,28	5.653	110
1986	1.032	115	454	44,0	71,14	6.000	116
1987	1.059	118	501	47,3	70,25	-	-
1988	1.129	126	483	42,8	72,48	-	-
1989	1.134	126	496	43,7	-	-	-
1990	1.194	133	586	49,0	-	-	-

FONTE: SEAB; OCEPAR. Argentina: produção e economia. Curitiba, 1988.

TABELA 17 - QUANTIDADE DE LEITE PASTEURIZADO E INDUSTRIALIZADO E PARTICIPAÇÃO PERCENTUAL DAS COOPERATIVAS, NO PARANÁ - 1985-88

(Em mil litros)

ANO	LEITE PASTEURIZADO	PRODUTOS IN- DUSTRIALIZADOS	% LEITE PAST. COMERCIALIZADO	PARTICIPAÇÃO DAS COOPERATIVAS (X)	
				Leite Pasteurizado	Prod. Indust. (Queijos)
1985	213.233	11.792	48,78	92	37
1986	241.251	14.480	53,06	92	39
1987	244.014	14.478	48,66	95	29
1988	252.942	13.235	52,27	94	35

FONTE: OCEPAR. Cooperativismo e agroindústria no Paraná. Curitiba, 1990.

TABELA 18 - QUANTIDADE DOS PRODUTOS DERIVADOS DO LEITE PRODUZIDO NA ARGENTINA - 1980-86

(Em kg)

ANO	MANTEIGA	ÍNDICE SIMPLES DE CRESC.	QUEIJO	ÍNDICE SIMPLES DE CRESC.	LEITE EM Pó	ÍNDICE SIMPLES DE CRESC.	LEITE CONDENSADO	ÍNDICE SIMPLES DE CRESC.	DOCE DE LEITE	ÍNDICE SIMPLES DE CRESC.
1981	32.273	111	245.180	94	63.923	108	5.917	67	51.677	104
1982	37.288	128	244.342	94	89.791	151	6.179	70	57.720	116
1983	33.721	116	254.186	97	83.817	141	7.678	88	56.360	113
1984	28.185	97	210.615	84	76.083	128	8.121	93	55.206	111
1985	31.587	108	220.292	84	101.720	171	6.655	76	56.032	113
1986	33.500	115	250.000	96	91.000	153	9.300	106	64.000	129

FONTE: OCEPAR. Argentina...

TABELA 19 - CAPACIDADE INSTALADA DAS UNIDADES PROCESSADORAS DE LEITE, NO PARANÁ - 1988

Nº DE UNIDADES	UNIDADES	CAPACIDADE (l/d)	PARTICIPAÇÃO DAS COOP. (%)
25	Usinas de Beneficiamento	1.565.000	93,9
42	Fábricas de Laticínios	1.440.000	29,8
35	Postos de Resfriamento	360.000	68,0
01	Fábrica de Leite em Pó	400.000	100,0

FONTE: OCEPAR. Argentina...

TABELA 20 - QUANTIDADE E VALOR DAS IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE LEITE E DERIVADOS - 1987

ITENS	QUANTIDADE IMPORTADA			VALOR DAS IMPORTAÇÕES US\$ MIL		
	TOTAL	Argentina e Uruguai		TOTAL	Argentina e Uruguai	
		t	%		US\$ mil	%
04.02 - Leite em Pó	101.077	2.613	2,6	76.069	3.330	4,4
04.03 - Manteiga e óleo de Manteiga	29.560	2.475	8,4	17.404	5.405	31,0
04.04 - Queijos	4.424	2.657	60,0	8.437	6.405	76,0

FONTE: BRDE. Integração sul-americana : a questão agroindustrial/regional. Curitiba, 1988.

QUADRO 1 - COMPARATIVO DA PRODUTIVIDADE DO REBANHO LEITEIRO, NO BRASIL, ARGENTINA E PARANÁ - 1986-1988  
(Em l/vaca/ano)

ANO	PAÍS	PRODUTIVIDADE DO REBANHO
1988	Brasil	738
1988	Paraná	1.060
1986	Argentina	2.222

FONTE: SEAB-DERAL

QUADRO 2 - CARACTERÍSTICAS DAS REGIÕES PRODUTORAS DE LEITE, NO PARANÁ - 1989

CARACTERÍSTICA	NORTE	OESTE	SUL
Rebanho	Misto	Misto/Holandês	Holandês
Alimentação	Pastagem	Pastagem+Ração	Pastagem+Silagem+Ração
Nº Produtores	15.000	9.000	2.500
Produção Anual <sup>1</sup>	280	92	134
Participação da Região na Produção Estadual (%)	54,45	19,23	23,32
Épocas de Safras	Dez./Jan.	Dez./Jan.	Out./Nov.
Épocas de Entressafra	Jun./Jul.	Jun./Jul.	Abr./Maio

FONTE: OCEPAR. Cooperativismo...

<sup>1</sup>Em milhões de litros comercializados

QUADRO 3 - PATRIMÔNIO LÍQUIDO E LOCALIZAÇÃO DAS PRINCIPAIS EMPRESAS DO SETOR DE LATICÍNIOS - 1989

EMPRESA	ESTADO	LATICÍNIOS
		Patrimônio Líquido (NCz\$ 1.000,00 de 1989)
IS.A Fabricação de Produtos Alimentícios Vigor	SP	656.077
ICoop. Central de Produtos Rurais MG Ltda	MG	554.542
ICia. Produtora Alimentos	BA	479.789
ILPC Indústria Alimentícia S.A. (Danone)	SP	401.424
ICia. Leco de Produtos Alimentícios	SP	270.771
ILacesa S.A. Indústria de Alimentos	RS	253.628
ISPAM S.A. Sociedade Produtiva de Alimentos	RJ	249.147
IYAKULT S.A. Indústria e Comércio	SP	210.107
ILaticínios Mococa S.A.	SP	207.987
ICia. Matogrossense de Laticínios	MT	177.709
IIndústrias Alimentícias Itacolomy S.A. ITASA	MG	149.801
IPolenghi Ind. Bras. Produtos Alimentícios Ltda.	SP	122.319

FONTE: Visão : Quem é Quem na Economia Brasileira - 1990

## CARNE BOVINA

O segmento produtor de carnes no Brasil se configura como um complexo nacional, tendo o Paraná como parte importante.

O Estado detém aproximadamente 20% da capacidade instalada dos frigoríficos nacionais (aqui consideradas as plantas industriais tecnicamente adequadas e com Sistema de Inspeção Federal - SIF). Demanda aproximadamente 50% do boi para abate de outros estados, como Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás e São Paulo. Ou seja, existe uma complementaridade criatória e de mercado da pecuária de corte do Paraná com a de outras regiões do país.

Note-se que o Brasil e, especificamente, o Paraná, trabalham com altos índices de ociosidade das plantas industriais.<sup>2</sup>

O mercado brasileiro de carnes já está bastante unificado, sendo São Paulo e, secundariamente, o Rio os principais pólos de comercialização e para onde se destina grante parte (mais de 70%) da produção paranaense.

Identificam-se, no Paraná, alguns frigoríficos com instalações completas, adequadas e autorizadas para tratamento da carne (desossa, corte, embalagem etc.) para exportações e com mercado garantido em alguns países. Mas, no geral, a carne paranaense compõe o estoque de comercialização e exportações via São Paulo, onde se concentram as empresas exportadoras.

O mercado mundial de carne bovina é relativamente pequeno (aproximadamente 5% da produção), porque todos os países grandes produtores são também consumidores. No entanto, excluindo-se as

<sup>2</sup>Estimativas do IPARDES mostram uma capacidade instalada de abate de bovino (considerando-se os frigoríficos tecnicamente adequados e com SIF) de aproximadamente 2,5 milhões de cabeça/ano para uma média de abate de 800 mil cabeças/ano, no período de 1985-87.

transações inter CEE, a Argentina e o Brasil se constituem nos dois principais países exportadores de carne bovina, o que representa aproximadamente 20% desse comércio (às vezes, o Brasil exporta mais, às vezes, a Argentina, mas perfazem 10%, em média, cada um).

Em termos gerais, o estágio e o processo de desenvolvimento e avanço tecnológico da indústria de carne bovina no Brasil e Argentina obedeceram à mesma trajetória nas últimas décadas.

Assim, o padrão tecnológico da indústria nos dois países é mais ou menos semelhante e não se apresenta como problemático, nesse caso, para o Brasil. Os indicadores de queda de consumo na Argentina (embora com consumo per capita médio quatro vezes maior que o do Brasil) permitem supor que também estejam com ociosidade, a exemplo do Brasil.

É importante salientar que todos os cenários de retomada de crescimento da economia brasileira e as demandas alimentares apontam para a necessidade de crescimento do setor a altas taxas (5% a 6% ao ano). Agregadamente, as demandas internas e o esforço exportador dos dois países poderão representar muito mais uma dinamização do setor e a possibilidade de fortalecimento do mercado para terceiros.

Da ótica do processo de modernização e condições criatórias (cria, cria, engorda) tanto o Brasil (e o Paraná) como a Argentina parecem estar nos mesmos estágios, ou seja, de predominância da criação em moldes mais extensivos ou tradicionais.

Contudo, parece que a carne da Argentina ganha um "padrão de qualidade" pelas raças, manejo, idade de abate, alimentação, além de apresentar uma taxa de desfrute bem maior que a brasileira. Há indícios também de que o problema da formação de preços do gado, na



Argentina, não se constitui em anomalia<sup>4</sup> tão marcante, como ocorre no Brasil.

Nesses termos, acredita-se que os problemas estruturais da produção de gado de corte no Brasil (e, portanto, no Paraná) é que poderão se constituir, num primeiro momento, em sérias desvantagens competitivas (tabelas 21 a 26).

TABELA 21 - COMPARATIVO DO REBANHO BOVINO, NO BRASIL, PARANÁ E ARGENTINA, 1980-88  
(Em 1.000 cab.)

ANO	BRASIL		PARANÁ		ARGENTINA	
	Efetivo Bovino	Índice Simples Crescimento	Efetivo Bovino	Índice Simples Crescimento	Efetivo Bovino	Índice Simples Crescimento
1980	118.085	100	7.893	100	55.800	100
1985	128.422	109	8.046	102	53.600	96
1986	132.221	112	8.563	108	52.300	94
1987	135.726	115	8.582	109	52.300	92
1988	139.599	118	8.472	107	50.782	91

FONTE: Anuário Estatístico do Brasil, 1982, 1984, 1986, 1990-IBGE  
OCEPAR. Argentina...

TABELA 22 - COMPARATIVO DO ABATE DE BOVINOS NO BRASIL, PARANÁ E ARGENTINA, 1980-89  
(Em 1.000 cab.)

ANO	BRASIL <sup>4</sup>		PARANÁ <sup>2</sup>		ARGENTINA <sup>3</sup>	
	Efetivo Bovino	Índice Simples Crescimento	Efetivo Bovino	Índice Simples Crescimento	Efetivo Bovino	Índice Simples Crescimento
1980	9.572	100	672	100	13.800	100
1981	9.955	104	715	106	14.600	106
1982	11.658	122	915	136	12.400	90
1983	11.546	121	800	119	11.400	83
1984	10.215	107	627	93	12.300	89
1985	10.605	111	669	100	13.700	99
1986	8.732	91	569	85	13.900	101
1987	10.590	111	585	87	12.800	93
1988	12.542	131	498	141	12.200	88
1989	12.980	136	-	-	11.700	85

FONTE: <sup>1</sup>Anuário Estatístico do Brasil, 1986, 1987, 1990-IBGE

<sup>2</sup>Prognóstico Agropecuário do Paraná 1987/88-SEAB

<sup>3</sup>OCEPAR. Argentina...

<sup>4</sup>OCEPAR. Cooperativismo...

<sup>4</sup>O predomínio do manejo extensivo na pecuária de corte impede a avaliação dos custos reais de produção e dá margem a que as variações de preços se dêem em função só de oferta e demanda, na maioria das vezes especulativas, na safra e entressafra. Da ótica dos pecuaristas, os custos tributários seriam o principal problema para o setor. Alguns estados têm adotado medidas diferenciadas de alíquotas e normas de arrecadação, visando contornar o problema. Ressalta-se, contudo, que a questão tributária, principalmente no caso do ICMS, é bastante complexa no setor e demanda uma revisão aprofundada.

TABELA 23 - PRODUÇÃO DE CARNE BOVINA, NO PARANÁ-  
1984-90

ANO	CARNE BOVINA <sup>1</sup>	ÍNDICE DE CRESCIMENTO
1984	139.131	100
1985	155.443	112
1986	132.187	95
1987	173.935	125
1988	204.000	146
1989	192.793	138
1990	250.395	180

FONTE: Acompanhamento da Situação Agropecuária  
do Paraná, maio/jun.1991-SEAB

<sup>1</sup>Referente a abates com Inspeção Federal

TABELA 24 - PRODUÇÃO DE CARNE BOVINA BRASILEIRA, EVOLUÇÃO DAS  
IMPORTAÇÕES, EXPORTAÇÕES E DISPONIBILIDADE INTERNA  
DO PRODUTO - 1981-90

ANO	PRODUÇÃO (1000t)	IMPORTAÇÃO (1000t)	EXPORTAÇÃO (1000t)	DISPONIBILIDADE INTERNA (kg/hab)
1981	1.115	83	315	15,21
1982	1.397	22	398	15,95
1983	2.360	26	500	14,55
1984	2.096	38	499	12,49
1985	2.223	56	585	12,50
1986	1.850	485	400	14,05
1987	2.137	155	340	13,80
1988	2.580	4	540	14,15
1989	2.660	100	270	16,90
1990 <sup>1</sup>	2.650	150	220	17,62

FONTE: <sup>1</sup>OCEPAR. Argentina...

TABELA 25 - EXPORTAÇÃO DE CARNE BOVINA  
ARGENTINA - 1985-89

ANO	CARNE BOVINA (Em 1000 t)	ÍNDICE DE CRESCIMENTO
1985	260,0	100
1986	256,0	99
1987	286,9	110
1988	319,3	123
1989	360,0	138

FONTE: OCEPAR. Argentina...

TABELA 26 - IMPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CARNE BOVINA DE ORIGEM ARGENTINA E URUGUAIA - 1987

ITEM	QUANTIDADE IMPORTADA			VALOR DAS IMPORTAÇÕES		
	TOTAL	Argentina e Uruguai		TOTAL	Argentina e Uruguai	
	(t)	(t)	%	(US\$ mil FOB)	(US\$ mil FOB)	%
Carnes Bovinas Frescas e Congeladas	142.845	23.505	16,5	127.540	32.415	25,4

FONTE: BRDE. Integração...

## FRUTICULTURA - MAÇÃ E UVA

Com relação à fruticultura, a maçã, por ser um produto que já sofre concorrência direta via importação argentina, e a uva, por se estar iniciando sua produção no Paraná, poderão ficar vulneráveis nesse mercado. Nesse sentido, a tendência de desenvolvimento e consolidação poderá se alterar nos próximos anos, face ao processo de integração.

No que se refere à maçã, a produção brasileira teve início no final dos anos 70, pois até então todo produto consumido era importado quase que totalmente da Argentina. É em 1968 que, através do Programa de Fruticultura de Clima Temperado (PROFIT), inicia-se o desenvolvimento dessa cultura.

A partir de 1980, o Ministério da Agricultura cria o Programa Nacional de Produção e Abastecimento de Maçã (PRONAMA), dando início a uma produção em maior volume (vale observar que a macieira se torna produtiva a partir do 4º ano).

A pomicultura se desenvolveu basicamente nos estados do sul, devido ao clima mais ameno, tendo Santa Catarina como o principal produtor; em 1990, esse estado foi responsável por algo em torno de 65% da produção nacional, o Rio Grande do Sul, por 26%, o Paraná, por 7%, e São Paulo, por 2%.

A colheita se inicia no norte do Paraná e em São Paulo no período da entressafra (dezembro e janeiro), o que possibilita ganhos maiores; em fevereiro, colhe-se Gala; a partir de março, *Golden Delicious* e outras vermelhas e, em abril, inicia-se a colheita da variedade Fuji, a principal produzida no Brasil.

No tocante à área plantada, no Brasil constata-se um incremento, enquanto no Estado as informações indicam uma redução. Esse

resultado possivelmente vem se dando em função do clima, que não é propício à pomicultura, segundo informações obtidas junto a técnicos em fruticultura.

Os dados disponíveis para a Argentina indicam que a área naquele país se mantém estável (tabela 27).

TABELA 27 - ÁREA CULTIVADA E PRODUÇÃO ARGENTINA, BRASILEIRA E PARANAENSE - 1985/91

SAFRA	ARGENTINA**		BRASIL		PARANÁ		PRODUÇÃO PR/BR %
	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	
85/86	58.500	593.900	20.975	177.902			
86/87	58.500	1.078.000	21.043	166.816	2.866	21.322	12,7
87/88			22.353	219.659	2.944	26.306	12,0
88/89			20.871	238.692	2.678	21.497	9,0
89/90*			22.281	271.639	2.348	16.604	6,1
90/91*			24.135	362.901	2.115	23.257	6,4

FONTE: SCHMIDT, Wilson. A integração Brasil-Argentina : maçãs e manzanas para o mercado brasileiro. Florianópolis : s.n., 1988; IBGE, DERAL-SEAB

\*Estimativa

\*\*Não se dispõe de dados mais recentes, embora informações obtidas junto a cooperativas argentinas indiquem que a área cultivada continua estável

No que se refere à produtividade, há informações mais recentes de que na Argentina o resultado ainda é superior ao obtido no Brasil. Atualmente, naquele país, é de 29 mil kg/ha nos pomares mais antigos e, nos mais novos, onde são utilizadas tecnologias avançadas, espera-se colher entre 50 a 60 mil kg/ha. No Brasil, no caso dos pomares mais novos, espera-se obter um resultado semelhante. No Paraná, a produtividade média alcançada tem sido inferior à nacional (tabela 28).

TABELA 28 - PRODUTIVIDADE DA MAÇÃ ARGENTINA, BRASILEIRA E PARANAENSE - 1985/91

PAÍS	(Kg/ha)					
	85/86	86/87	87/88	88/89	89/90	90/91
Argentina	11.248	20.417	-	-	-	-
Brasil	8.481	7.927	9.827	11.437	12.192	15.036
Paraná	-	7.440	8.935	8.027	7.072	10.996

FONTE: Tabela 27

A importância relativa do Paraná na produção de maçã vem decrescendo, conforme se constata pelos dados da tabela 27. Esse resultado confirma mais uma vez a informação dos técnicos de que o fator climático não propicia o desenvolvimento dessa cultura no Estado.

No tocante aos produtores de maçã na principal região produtora (Santa Catarina), tem-se que os produtores de pequeno porte representam algo em torno de 80% do número de produtores, detendo 11% do volume comercializado, enquanto os grandes representam 2%, responsáveis por 60% da comercialização.<sup>5</sup> No Paraná, segundo informações da EMATER, há 241 produtores, sendo a maioria médios e grandes e incluindo-se aí uma cooperativa. Essa cultura está localizada, no Estado, principalmente nas regiões de Guarapuava, Pato Branco, Ponta Grossa, Curitiba, Porto Amazonas e Arapoti.

Quanto aos custos de produção, há informações de que os obtidos no Brasil são pouco superiores aos argentinos, sendo, no primeiro caso, algo em torno de US\$ 3.000 a US\$ 4.000 o hectare, enquanto na Argentina está, em média, abaixo de US\$ 2.900, embora ultimamente tenha aumentado em função da política econômica adotada naquele país. Ressalte-se que, dada a baixa precipitação pluviométrica naquele país, os tratamentos fitossanitários, um dos itens do custo de produção, são reduzidos, utilizando-se em torno de quatro tratamentos, enquanto no Brasil são necessárias 16 aplicações ou mais. Outro item do custo refere-se aos defensivos, que, na Argentina, são em média 30% mais baratos que os brasileiros.

No que se refere à armazenagem frigorificada, constatou-se que a capacidade nacional está em torno de 80% da produção, ou seja, acima de 250 mil toneladas de maçãs, sendo Santa Catarina o estado

<sup>5</sup>BRASIL. Ministério da Agricultura. Diagnóstico da maçã : versão preliminar para análise. s.l. : s.n., 1991. 37 p.

que dispõe de maior capacidade, por ser o maior produtor.

No que diz respeito à qualidade da fruta, o produto brasileiro tem um sabor superior ao importado, podendo competir com as frutas importadas e, segundo técnicos do setor, um dos poucos problemas se refere ao padrão - tamanho uniforme, para torná-la competitiva no mercado internacional. Apesar disso, há informação de que o Brasil já vem exportando o produto, principalmente para países europeus, a partir do segundo quinquênio dos anos 80.

Os dados disponíveis sobre importação de maçã indicam que mais de 95% é proveniente da Argentina e, em menor escala, do Chile (tabela 29).

TABELA 29 - TOTAL DE IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE MAÇÃ E QUANTIDADE IMPORTADA DA ARGENTINA - 1987-88

(Em t)

ANO	IMPORT. TOTAL (A)	IMPORT. ARGENTINA (B)	B/A
1987	123.789	117.810	95,2
1988	97.572	95.230	97,6

FONTE: SRF-Ministério da Fazenda

Dado que o Brasil ainda é um dos principais importadores de maçã argentina, os produtores nacionais, preocupados com o destino de sua produção, deram início, já no final da década de 70, a processos para o estabelecimento de cotas de importação, ou até mesmo para o seu zeramento, nos períodos de safras.

Na Argentina, provavelmente em função da diminuição nas importações brasileiras e da queda nas importações por parte de outros países, intensificou-se a industrialização de sucos concentrados e purês, objetivando-se, principalmente, atender aos Estados Unidos, seu maior comprador.

No que se refere ao consumo interno, o produto *in natura* registrou um incremento nos anos 80. No início da década, consumia-se

aproximadamente 1,5 kg per capita e, atualmente, algo ao redor de 3,5 kg, enquanto a quantidade consumida na Argentina era de 15 kg per capita/ano, consumo ainda assim inferior ao verificado nos países europeus.

Tal fato se explica, em parte, pelo hábito alimentar e, ainda, pelo baixo poder aquisitivo da população, muito embora o preço dessa fruta seja mais acessível comparativamente a outras mais finas, tais como uvas de mesa e melões.

A maçã nacional é consumida em sua quase totalidade *in natura* e a utilização sob a forma de sucos ainda é pequena, em torno de 10% da produção.

Outra fruta provavelmente ameaçada no contexto do Mercosul é a uva de mesa, que tem sua produção localizada principalmente na região do Vale do Rio São Francisco, São Paulo e Paraná.

No Estado, as uvas finas (Itália e Rubi) vêm se expandindo notadamente no norte, cujas condições edafoclimáticas propiciam o desenvolvimento da atividade, realizada, em grande parte, por pequenos produtores (com área cultivada em torno de dois hectares, utilizando nível tecnológico avançado, conforme informações obtidas na EMATER).

O mercado consumidor da uva é constituído, basicamente, por São Paulo, Rio de Janeiro e mercado internacional (países europeus).

É possível que, num primeiro momento, a produção de uva estadual não encontre problemas, pois é uma atividade relativamente nova. Contudo, deve-se estar atento à entrada do produto argentino no mercado paranaense, que aumentou consideravelmente: em 1987, foi importado 30% e, em 1988, mais de 50% foi adquirido da Argentina (tabelas 30 e 31).



TABELA 30 - ÁREA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO DE UVA ITÁLIA E RUBI, NO PARANÁ - 1989-90

ANO	ÁREA (ha)	PRODUÇÃO (t)	RENDIMENTO (kg/ha)
1989	1.557	24.571	15.781
1990	1.662	25.299	15.222

FONTE: DERAL-SEAB

TABELA 31 - TOTAL DE IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE UVA E QUANTIDADE IMPORTADA DA ARGENTINA -1987-88

ANO	IMPORTAÇÃO TOTAL (A)	IMPORTAÇÃO ARGENTINA (B)	B/A
1989	2.606	774	29,7
1990	5.398	2.862	53,0

FONTE: DERAL-SEAB

## ALGUNS SEGMENTOS DAS INDÚSTRIAS MECÂNICA E ELÉTRICA PARANAENSES

A ampla gama de produtos que compõem as indústrias mecânica e elétrica e a heterogeneidade de suas empresas, em termos de tamanho, linha de produtos, tecnologia etc., tornam difícil qualificar, em termos de competitividade, esses setores no Paraná, frente às indústrias dos demais países do Mercosul. Além disso, são escassos os trabalhos acerca dos impactos do Mercado Comum sobre esses setores.

Já existe comércio de um grande número de itens dessas indústrias entre os países do Mercosul - principalmente entre Brasil e Argentina. Esse comércio, porém, muitas vezes é sobredeterminado por acordos comerciais (fixação de cotas), ou por condições conjunturais (principalmente flutuações da paridade cambial), o que também dificulta inferências sobre as condições de competitividade desses setores, num contexto de integração.

Dentro desse quadro, optou-se por contatar diretamente empresas que operassem em segmentos que, *a priori*, foram considerados vulneráveis.

Em termos gerais, pode-se dizer que, com exceção de algumas linhas de produtos em que há claras vantagens para indústrias de alguns desses países - basicamente Argentina -, as empresas paranaenses não parecem estar bem informadas sobre possíveis áreas de concorrência, ou sobre oportunidades de investimentos nesses mercados.

Um ponto que conta com relativo consenso das empresas entrevistadas é o acesso das empresas argentinas a matérias-primas mais baratas, como aço, alumínio e plásticos. Entretanto, a instabilidade cambial pode estar obscurecendo a capacidade de avaliação das condições de concorrência, tanto nesse mercado de matérias-primas como também no mercado de seus produtos.

Na fabricação de aquecedores domésticos (para ambiente ou água), há claro reconhecimento da superioridade do produto argentino, especialmente em aquecedores a gás. Das duas empresas contatadas, a primeira, que produz aquecedores de água, já acertou a representação de uma grande empresa argentina no mercado brasileiro, devendo, com isso, interromper uma de suas linhas de produtos. A segunda, tem na produção de aquecedores elétricos uma parte muito pequena de seu faturamento, contando ainda que seu produto mais simples e barato deva manter uma faixa de mercado própria, frente ao produto argentino mais sofisticado.

Duas empresas também foram entrevistadas na área de refrigeração: uma, produtora de refrigeradores domésticos e, outra, fornecedora de supermercados (balcões para laticínios); ambas já exportam para a América Latina e não apresentaram maiores preocupações com a efetivação do Mercosul.

A empresa produtora de aparelhos domésticos argumenta ainda que o setor, na Argentina, é bastante pulverizado (12 empresas), para um mercado de tamanho absoluto bem menor que o brasileiro.

O último setor procurado foi o de acumuladores para automóveis, cuja possível vulnerabilidade foi apontada pela ABINEE. As baterias argentinas teriam especial qualidade para regiões de clima frio, o que poderia se constituir em importante mercado para os estados da região sul. Esse parece ser um setor que apresenta um razoável equilíbrio entre empresas brasileiras (paranaenses) e argentinas, estando a direção do comércio determinada pelas flutuações cambiais. O mercado brasileiro já experimentou a entrada do produto argentino a preços bem inferiores ao nacional e, atualmente, em função da valorização do austral, pelo menos uma empresa paranaense foi sondada para possível fornecimento ao mercado argentino.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

De um modo geral, dentre os argumentos que vêm sendo levantados sobre os elementos que tornam a produção agropecuária e agroindustrial brasileira vulnerável no processo de integração, principalmente em relação à Argentina, estão aqueles vinculados às questões de carga tributária, escoamento da produção, matriz de transporte brasileiro e problemas operacionais do sistema portuário, isso aliado às vantagens comparativas naturais. Esse conjunto de elementos se reflete nos custos e competitividade da produção brasileira.

A avaliação das condições de competitividade da agropecuária e da agroindústria brasileiras, frente ao Mercosul, principalmente em relação à Argentina, exige que se atente para vários fatores.

Num contexto mais estrutural, as questões precisam ser melhor qualificadas e relativizadas. Primeiro, em termos de tecnologia voltada à produção agropecuária, uma série de pesquisas em andamento, algumas com resultados comprovados e totalmente disponíveis, como os trabalhos da EMBRAPA, permitiria avanços significativos de produtividade, podendo-se duplicar a oferta agrícola dos últimos anos no país. No caso dos grãos, já são conhecidos os estudos sobre o zoneamento macroecológico, proposto pela EMBRAPA, e que identificam as regiões brasileiras com maiores vantagens comparativas para cada tipo de grão.

Some-se a isso o fato de a Argentina já vir apresentando alguns sinais de relativo esgotamento de seus solos, além da imposição, no curto prazo, de revisão da matriz tecnológica, que lhes possibilite incrementar produtividade via intensificação no uso de insumos modernos. Cabe ainda salientar que o seu parque de máquinas é pouco adaptável a essa redefinição, além do que dificilmente

poderia intensificar significativamente a produção, no curto prazo, a ponto de comprometer a oferta brasileira.

Em segundo lugar, os diferenciais nos custos de comercialização em favor da Argentina acabam assumindo o mesmo efeito de subsídio, com fortes reflexos sobre os preços finais. Essa situação seria passível de alteração via uma revisão da questão tributária brasileira (reforma tributária), uma das principais reivindicações dos empresários. Além do mais, a conscientização dos empresários, como os principais agentes do processo de integração, poderia levar à reorientação dos recursos para a incorporação de novas tecnologias, visando à redução de seus custos de produção.

Em terceiro lugar, embora se tenha completado um moderno sistema infra-estrutural de apoio à produção no Brasil, algumas características desse sistema (por exemplo, matriz de transportes predominantemente rodoviário, problemas de operacionalização portuária etc.) se constituem em entraves que hoje comprometem a competitividade dos produtos brasileiros.

Essas questões estão determinando custos de comercialização extremamente altos. Alguns indicadores demonstram que o custo do transporte de carga brasileiro é três vezes superior ao dos Estados Unidos, que opera basicamente por hidrovia. Quanto ao sistema de operacionalização de carga portuária, enquanto Rotterdam movimenta 320 milhões t/ano, com 2.000 funcionários, o Brasil movimenta 290 milhões t/ano, ocupando 67 mil funcionários.

Na realidade, os problemas da infra-estrutura brasileira já são conhecidos e vêm se agravando na última década por falta de investimentos, demandando assim ações de reestruturação de base, no sentido de se buscar racionalização e eficiência do sistema.

Vale dizer que todas as questões que vêm sendo levantadas acerca do processo de integração e dos possíveis impactos sobre seg-

mentos específicos da base produtiva brasileira devem ser prontamente analisadas.

Nesse sentido, a continuidade deste trabalho está sendo dada pelo:

- . aprofundamento do conhecimento da dinâmica de cada um desses segmentos e das causas que os tornam fragilizados;
- . ampliação da área de abrangência do estudo, buscando-se identificar os segmentos que se colocam como potencialmente fortalecidos nesse processo.

Também, diante da abrangência e do desafio que representa o Mercosul, a tendência desses estudos está sendo, fundamentalmente, a de explicitar questões relevantes, cujo domínio viabilize um processo eficaz de adequação das regiões brasileiras no Mercado Comum.

**ANEXO 1 - SETORES DE EXPORTAÇÃO**

## BRASIL - SETORES IMPORTANTES NA EXPORTAÇÃO PARA A AMÉRICA LATINA

SETORES	CARACTERÍSTICAS DO SETOR (Competitividade)	PRINCIPAIS PAÍSES IMPORTADORES	PAÍSES IMPORTADORES POTENCIAIS	PRINCIPAIS EMPRESAS EXPORTADORAS	PAÍSES LÍDERES NO MERCADO MUNDIAL
Máquinas e Implementos Agrícolas (Principalmente tratores)	Eficiência Versatilidade Atualização tecnológica	Venezuela México Iraque EUA Chile Colômbia Paraguai	Reino Unido Dinamarca Uruguai	Maxion Ford New-Holland Walmet	Estados Unidos Canadá
Microtratores		EUA Costa do Marfim Rep. Dominicana Bolívia Argentina Uruguai			
Seda Crua e Produtos Acabados (Roupas)	Boa Qualidade (Similar ao produto chinês) 8 criações/ano 4 criações/ano/ China	Itália Suíça Japão Taiwan Tailândia EUA	França Reino Unido Estados Unidos		Japão China Índia Brasil
Artefatos de Couros (Malas, bolsas, luvas etc.)	Alta qualidade	RFA Venezuela Cuba EUA Canadá		IKA	Coreia do Sul Taiwan
Sucos Limão Laranja	Boa produtividade por conta do clima	Estados Unidos CEE		Citro Mogiana	Estados Unidos Itália Argentina Brasil
Papel e Celulose (Papel para embalagens)	Atualizados em termos de tecnologia	CEE EUA Japão	Países da América do Sul Central Oriente Médio Ásia	Aracruz (ES) Genibra (MG) Riocell (RGS) Mte. Dourado (AM) Klabin (PR) Rigesa Manville Trombini (PR)	EUA Canadá Suécia Finlândia Noruega Brasil 5º Lugar no M. Mundial
Carne de Frango	Alta Tecnologia	Egito Iraque Arábia Saudita Japão Angola Espanha	Cuba Itália América do Sul Caribe URSS		EUA Brasil França Países Baixos Uruguai
Carne Bovina		Israel Suíça RFA Oriente Médio CEE			Austrália Brasil (2º ex - portador na década de 80) Argentina Uruguai Nova Zelândia
Erva-Mate		Chile Uruguai Alemanha	Japão EUA Espanha França Portugal	Leão Júnior S/A Baldo S/A	Brasil

FONTE: Comércio Exterior-Ministério das Relações Exteriores



**ANEXO 2 - DADOS SOBRE IMPORTAÇÕES E EXPORTA-  
ÇÕES BRASILEIRAS DE/PARA ARGENTINA,  
URUGUAI E PARAGUAI**

TABELA A.2.1 - IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS DA ARGENTINA, URUGUAI E PARAGUAI E TOTAL DAS IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS, SEGUNDO CAPÍTULOS E ITENS SELECIONADOS DA NOMENCLATURA BRASILEIRA DE MERCADORIAS\* - 1988

(Em US\$ - FOB)

CODIGO NCM	CAPÍTULOS E MERCADORIAS	ARGENTINA	URUGUAI	PARAGUAI	A + B + C		TOTAL
		A	B	C	Abs.	%	IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS
1	ANIMAIS VIVOS	400.974	1.574.260	187	1.975.421	10,99	17.975.229
2	CARNES E MIÚDOS COMESTÍVEIS	4.401.939	10.581.037	5.699.799	20.682.775	100,00	20.682.775
2 1 1 1	CARNE DE BOVINO, FRESCAS OU REFRIGERADAS C/OSSO		3.410.700	5.447.499	8.858.279	100,00	8.858.279
2 1 1 3	CARNES DE BOVINO CONGELADA C/ OSSO	984	2.708.842		2.709.826	100,00	2.709.826
2 1 1 4	CARNE DE BOVINO, CONGELADA SEM OSSO OU DESOSSADA	2.924.244	4.327.362	240.300	7.491.906	100,00	7.491.906
2 1 8 3	FIGADO DE ANIMAIS-POSICAO 01.01 A 01.04	1.418.440	1.163	12.000	1.431.603	100,00	1.431.603
3	PEIXES, CRUSTACEOS E MOLUSCOS	16.006.109	4.380.262		20.386.371	27,73	73.524.072
3 1 2 3	MERLUZA MORTA, FRESCA, REFRI., INTEIRA OU DESCASCADA	1.076.192	328.579		1.404.771	100,00	1.404.771
3 1 4 3	MERLUZA MORTA, CONG., INTEIRA OU DESCAR.	577.173	436.619		1.013.792	71,71	1.413.792
3 1 4 99	OURO OUT. PEIXE MORTO, CONG., INTEIRO OU DESCAR.	776.016	140.438		916.454	83,78	1.093.866
3 1 5 6	MERLUZA MORTA, CONGELADA, EM POST. OU FILET	10.844.103	1.580.911		12.425.014	100,00	12.425.014
3 1 5 99	QUALQ. OUT. PEIXE MORTO CONG., EM POSTAS OU FILET	1.801.829	367.780		2.169.609	99,97	2.170.236
4	LEITE E PRODUTOS LACTEOS; OVOS DE AVES; MEL NATURAL; PROD. COMESTÍVEIS DE ORIGEM ANIMAL, NAO ESPECIFICADOS, NEM COMPREENDIDOS EM OUTRA PARTE DA NOMENCLATURA	8.451.095	13.050.994		21.502.089	80,43	24.316.468
4 2 2 2	LEITE EM PD PARCIAL OU TOTALMENTE DESNATADO	99.000	3.327.204		3.426.204	85,37	4.013.221
4 3 1 0	MANTEIGA NATURAL FRESCA OU SALGADA	327.900	1.750.355		2.078.335	100,00	2.078.335
4 4 22 0	QUEIJO TIPO MUZZARELLA	1.854.350	570.625		2.424.975	100,00	2.424.975
4 4 29 0	QUEIJO TIPO SBRINZ	2.668.162	1.824.694		4.492.856	100,00	4.492.856
4 4 31 0	QUEIJO TIPO TILSIT	2.989.550	2.207.750		5.197.300	100,00	5.197.300
4 4 99 0	OUTROS QUEIJS E REQUEIJS		1.000.000		1.000.000	99,29	1.007.175
5		141.860	413.631	11.000	566.491	6,22	9.105.250
5 4 3 0	TRIFAS DE OVINO		149.500		149.500	9,33	1.602.759
7	LEGUMES E HORTALICAS, PLANTAS, RAIZES E TUBERCULOS ALIMENTICIOS	53.364.253			53.364.253	86,57	61.575.166
7 1 5 0	ALHOS, EXCETO EM PD, FRESCOS OU REFRIGERADOS	4.287.242			4.287.242	98,99	4.330.922
7 3 5 1	AZEITONAS EM SALMOURA	26.558.200			26.558.200	92,20	28.803.705
7 5 1 99	QUALQ. OUTRA ERVILHA SECA, MESMO DESCORT. OU PART.	2.312.869			2.312.869	86,89	2.661.913
7 5 3 1	FEIJAO PRETO	15.115.956			15.115.956	100,00	15.115.956
7 5 3 2	FEIJAO BRANCO	3.353.418			3.353.418	98,86	3.391.918
8	FRUTOS COMESTÍVEIS; CASCAS DE FRUTAS CITRICAS E DE MELÕES	100.081.865	9.475.650		109.557.515	86,51	126.647.099
8 4 1 0	UVAS FRESCAS	2.115.752			2.115.752	53,67	3.942.178
8 4 2 0	UVAS SECAS (PASSAS)	7.741.832			7.741.832	73,65	10.512.221
8 6 1 0	MACAS FRESCAS	37.123.313			37.123.313	97,22	38.186.014
8 6 2 0	PERAS FRESCAS	22.481.350	365.760		22.847.110	96,55	23.663.020
8 7 3 0	AMEIXAS FRESCAS	3.315.614	71.750		3.387.364	85,10	3.980.482
8 12 1 1	AMEIXAS C/ CAROCO, SECAS	4.405.427			4.405.427	80,70	5.459.325
8 12 1 2	AMEIXAS S/ CAROCO, SECAS	10.406.100	2.310.000		12.716.100	99,69	12.755.451
8 12 3 0	DAHASCOS SECOS	10.843.370	5.760.000		16.603.370	98,98	16.773.942
10	CEREAIS	137.244.715	43.628.121	229.200	181.102.036	94,04	192.579.408
10 1 2 0	TRIGO S/ CASCA	96.895.066			96.895.066	99,49	97.392.993
10 3 1 0	CEVADA EM BRAO, C/ CASCA	15.203.290	8.233.800		23.437.090	69,17	33.882.528

(continua)

(continuação)

CODIGO NBM	NOMES DOS CAPITULOS E ITENS	ARGENTINA	URUGUAI	PARAGUAI	A + B + C		TOTAL
		A	B	C	Abs.	X	IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS
10 5 2 0	MILHO EM GRAO, COM CASCA	1.213.976			1.213.976	98,95	1.226.827
10 5 99 0	MILHO EM OUTRAS FORMAS	1.403.903			1.403.903	88,24	1.591.003
10 6 2 0	ARROZ SEM CASCA		14.224.808		14.224.808	99,99	14.225.982
10 6 3 0	ARROZ BRANQUEADO, INCLUSIVE O POLIDO	497.000	16.664.729		17.161.729	100,00	17.161.729
10 6 5 0	ARROZ ESTUFADO		4.130.631		4.130.631	100,00	4.130.631
10 7 3 0	ALPISTE	20.774.186	156.153	229.200	21.159.539	100,00	21.159.539
11	PROD. DA IND. DE MOAGEM; MALTE, AMIDOS E FECULAS; GLUTEM E INULINA	2.771.371	15.724.041		18.495.412	27,58	67.066.610
11 7 1 0	MALTE INTEIRO OU PARTIDO	2.691.100	15.450.370		18.141.470	27,94	64.940.545
12	SEMENTES E FRUTOS	803.700	146.525	2.619.965	3.570.190	5,06	70.593.814
12 1 1 99	QUALQ. OUT. SEM. E FRUTO DE AMENDOIM			1.940.962	1.940.962	100,00	1.940.962
12 1 4 0	SEMENTES E FRUTOS DE SOJA	49.000			49.000	,14	34.849.758
12 1 7 0	SEMENTES FRUTOS DE MANONA			679.003	679.003	7,29	9.312.158
15	GORD.E OLEOS(ANIM.E VEG) PROD. DE SUA DISSOCIACAO, GORDURAS ALIMENTI- CIAS ELABORADAS, CEREAIS DE ANIMAL E VEGETAL	45.697.833	7.941.717	2.882.225	56.521.775	72,30	78.180.583
15 2 1 2	SEBOS DA ESPECIE BOVINA FUNDIDOS	8.603.951	7.155.430	29.800	15.789.181	82,98	19.028.106
15 7 1 1	OLEO DE SOJA EM BRUTO	25.613.394			25.613.394	100,00	25.613.394
15 7 1 4	OLEO DE OLIVA EM BRUTO	8.285.838			8.285.838	93,21	8.889.841
15 7 1 10	OLEO DE AMENDOA DE PALMA (PALMISTE), EM BRUTO			1.313.625	1.313.625	69,81	1.881.625
15 7 1 14	OLEO DE TUNGUE, EM BRUTO			1.197.500	1.197.500	100,00	1.197.500
15 7 2 4	OLEO DE OLIVA PURIFICADO OU REFINADO	2.712.587			2.712.587	30,25	8.968.365
20	*	705.092	159.300		864.392	44,63	1.936.594
25	SAL, ENXOFRE, TERRAS E PEDRAS, GESSOS, CAL E CIMENTOS	7.507.811	1.187.639	39.000	8.734.450	5,87	148.783.921
25 7 1 0	BENTONITA NATURAL	1.245.045			1.245.045	64,41	1.932.931
25 23 2 0	CIMENTO	1.186.763	1.157.445	39.000	2.383.208	100,00	2.383.208
25 30 99 0	OUTROS BORATOS NATURS. EM BRUTO E SEUS CONCENTRADOS	3.459.569			3.459.569	62,50	5.535.241
26 0 0 0	MINERIOS METALURGICOS, ESCORIAS E CINZAS	9.617.796	222.600		9.840.396	3,17	310.164.122
26 1 6 99	QUALQ. OUTRO MINERIO DE CHUMBO	6.763.094			6.763.094	41,86	16.157.830
26 1 7 1	MINERIO DE ZINCO SULFETADO	2.854.702			2.854.702	10,39	27.465.639
27	COHB.MIN.;OLEOS MIN. E PRODS. DA SUA DESTILACAO; MAT. BETUMINOSOS; CERAS MINERAIS	9.646.998			9.646.998	,23	4.135.687.876
27 11 4 0	MISTURA DE PROPANO E BUTANO (GLP)	2.507.192			2.507.192	11,95	20.979.210
27 14 2 0	COQUE DE PETROLEO	6.432.467			6.432.467	41,71	15.420.579
28	PROMOTOS QUIMICOS, INORGANICOS, COMPOSTOS INORGANICOS OU ORGANICOS DE METAIS PRECIOSOS DE ELEMENTOS RADIOATIVOS DE METAIS DE TERRAS RARAS, E DE ISOPOR	22.823.777	3.816.134		26.639.911	7,28	365.981.537
28 12 1 0	ACIDO BORICO (ORTOBORICO)	3.520.353			3.520.353	85,26	4.128.967
28 17 1 1	SODA CAUSTICA DILUIDA (LIXIVIA)	2.454.889	16.800		2.471.689	9,22	26.800.043
28 19 1 0	OXIDO DE ZINCO (BRANCO DE ZINCO)	69.625	1.227.796		1.297.421	60,38	2.148.633
28 38 9 0	SULFATO DE CROMO	874.275	1.640.850		2.515.125	96,49	2.686.554
28 46 11 1	TETRABORATO DE SODIO (BORAX)	11.917.737			11.917.737	94,47	12.614.880

(continua)

(continuação)

CODIGO NBH	NOMES DOS CAPITULOS E ITENS	ARGENTINA	URUGUAI	PARAGUAI	A + B + C		TOTAL
		A	B	C	Abs.	X	IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS
29	PRODUTOS QUIMICOS ORGANICOS	69.273.681	3.529.693	228.881	73.032.255	6,46	1.130.353.125
29 1 16 0	CICLO-HEXANO (HEXAMETILENO)	3.416.725			3.416.725	99,97	3.417.583
29 1 35 0	ESTIRENO (VINILBENZENO, ESTIROLENO, ESTIROL)	1.380.554			1.380.554	98,06	1.407.938
29 1 40 4	PARA-XILENO	3.276.500			3.276.500	76,36	4.290.610
29 2 12 0	CLORETO DE VINILA (CLOROTILENO)	48.672.923			48.672.923	82,74	58.826.779
29 13 25 0	METILETILCETONA (BUTANONA)	2.273.464			2.273.464	60,96	3.729.260
29 23 99 99	QUER OUT. COMP. AMIN. D/FUNC. OXIG. SIMP. COMPLEX	593.983	97.311		691.294	2,38	29.044.879
29 35 32 99	QUALQ. OUT. SAL E DERIVADO DA PIRIDINA	1.215.500			1.215.500	6,32	19.245.755
29 35 99 99	QUALQ. OUT. COMP. HETEROC. INC. OS ACTIOS NUCL.	1.405.563	224.584		1.630.147	,86	189.805.504
29 42 99 0	OUTS. ALCALOIDES VEG., NAT. OU REPROD. POR SIMT.		811.250		811.250	8,60	9.430.231
31	FERTILIZANTES		7.406.048		7.406.048	2,36	313.456.778
31 3 4 0	SUPERFOSFATOS TEOR P2O5 IGUAL OU INF. A 22X		2.431.689		2.431.689	61,99	3.922.889
31 5 6 0	MISTURA DE FERTIL. COM NITROG. FOS. E POTASSIO		1.102.597		1.102.597	100,00	1.102.597
31 5 99 0	OUTROS FERTILIZANTES		2.118.329		2.118.329	100,00	2.118.329
32	EXTRATOS TANANTES TINTORIAIS TANINOS E SEUS DERIVADOS, MATERIAIS CO- RANTES, CORES, TINTAS, VERNIZES, TINTURAS; MASTIQUES E TINTAS DE ES- CREVER E DE IMPRESSAO	2.366.212	27.266.347	120.777	29.753.336	21,89	135.901.695
32 1 1 2	ESTRATO TANANTE DE QUEBRACHO	1.434.735		120.777	1.555.512	100,00	1.555.512
32 5 99 0	OUTRAS MATERIAS CORANTES ORGAN. SINTETICAS		2.223.170		2.223.170	69,53	3.197.224
32 7 99 0	OUTRAS MATERIAS CORANTES	22.938	3.457.118		3.480.056	74,98	4.641.293
32 9 1 5	VERNIZES A BASE DE RESINAS: SILICONES ETC		1.144.451		1.144.451	82,36	1.389.602
32 9 2 1	TINTA A AGUA, P/ACABAMENTO DE COURO		6.457.266		6.457.266	93,13	6.933.307
32 9 2 7	TINTA ESHALTE A BASE DE VERNIZ		2.426.534		2.426.534	98,65	2.459.772
32 9 2 99	QUALQ. OUTRA TINTA PREPARADA		4.222.555		4.222.555	82,48	5.119.511
32 9 99 0	OUTROS VERNIZES, TINTAS DE AGUA, ETC	14.150	1.267.050		1.281.208	43,19	2.966.575
33	OLEOS ESSENCIAIS E RESINOIDEOS; PROD. DE PERFUMARIA OU DE TOUCADOR E COSMETICOS	217.987	111.825	5.064.940	5.394.752	30,12	17.911.152
33 1 1 29	OLEO ESSENCIAL DE			4.378.199	4.378.199	84,50	5.181.427
34	SABOES, PROD. ORGANICOS TENSO-ATIVOS, PREPARACAO PARA LIXIVIAS, PREPARA- COES LUBRIFICANTES, CERAS ARTIFICIAS PREPARADAS, PRODUTOS PARA CONSER- VACAO E LIMPEZA, VELAS E ARTIGOS SEMELHANTES; PASTAS PARA MODELAR E CERAS PARA ODONTOLOGIA	6.096	2.778.068		2.784.164	11,15	24.980.020
34 2 4 0	OUTS. PROD. ORGANICOS TENSO-ATIVOS		479.580		479.580	36,19	1.325.287
35	MATERIAS ALUMINOIDEOS; COLAS E ENSIMAS	1.069.250	1.309.293		2.378.543	12,73	18.678.517
37	PROD. PARA FOTOGRAFIA E CINEMATIGRAFIA	17.883.775	1.193.508		19.077.283	20,33	93.851.913
37 2 1 1	FELICULAS SENSIB. 2 FACES P/ RADIOG. USO MEDICO	5.421.811			5.421.811	69,30	7.814.697
37 2 1 99	QUER OUT. FELICULA SENSIB. 2 FACES P/RADIOGRAFIA	653.712			653.712	29,93	2.184.277
37 2 3 99	QUALQ. OUTRA FELICULA P/ IMAGEM MONOCROMATICA	8.781.837	161.736		8.943.573	51,63	17.320.986
37 3 1 0	PAPEIS SENS. IMPRES. OU N/, P/ IMAG. MONOCR. N/REV	1.606.827	447.550		2.054.377	34,45	5.963.276
38	PROD. DIVERSOS DAS IND. QUIMICAS	6.156.849	8.477.785		14.634.634	7,32	199.881.999
38 11 2 1	INSETICIDAS	3.395.805	1.128.121		4.523.926	96,26	4.699.525
38 11 3 2	HERBICIDAS		2.499.134		2.499.134	44,89	5.567.182
38 11 6 99	QUALQ. OUT. INSET. P/VEN. VAR., EM FITA, MECH. ETC		2.074.351		2.074.351	98,47	2.106.543
38 18 0 0	SOLV. E DILUENTES P/VERNIZES OU PRODS. SEM.		1.096.123		1.096.123	92,17	1.189.228
38 19 33 99	QUALQ. OUT. REATIVO COMP. P/ DIAGNOSTICO	1.072.371			1.072.371	14,21	7.547.727

(continua)

(continuação)

CODIGO NBH	NOMES DOS CAPITULOS E ITENS	ARGENTINA	URUGUAI	PARAGUAI	A + B + C		TOTAL
		A	B	C	Abs.	X	IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS
39	MATERIAS PLASTICAS ARTIFICIAIS, ETHERES E ESTERES DA CELULOSE, RESINAS ARTIFICIAIS E OBRAS DESTAS MATERIAS	6.819.109	11.827.767	19.466	18.566.342	7,40	252.083.158
39 2 3 1	FOLIOSBUTILENO, LIQUIDO OU PASTOSO	2.422.127			2.422.127	30,53	7.934.254
39 2 21 2	POLI(CLOR. VINILA) (PVC) OBTIDO PROC. SUSPENSÃO	1.474.341	2.546.415		4.020.756	81,69	4.921.768
39 2 34 99	QUALQ. DUT. CHAPA, FOLHA, ETC, N/ESTRATIFICADA	209.500	1.191.695		1.401.195	20,75	6.753.572
39 6 2 0	HEPARINA E SEUS SAIS	1.167.836			1.167.836	88,15	1.324.853
40	BORRACHA NATURAL OU SINTETICA, SUBSTITUTOS DA BORRACHA E OBRAS DA BORRACHA	8.375.704	10.243.166		18.618.870	6,58	282.932.325
40 5 0 0	CHAPAS, FLS. E TIRAS BORR. NAT. OU SINT. N/ VULC.	1.275.888	1.051.983		2.327.871	56,98	4.085.734
40 11 1 1	PNEUMATICOS P/ AUTOMOVEIS	3.041.571	1.718.497		4.760.068	98,95	4.810.808
40 11 1 2	PNEUMATICOS P/ CAMINHOS ONIBUS E CAMIONETES	2.034.363	6.252.942		8.297.305	90,80	9.138.490
40 11 1 4	PNEUMATICOS P/ MAQUINAS E TRATORES AGRICOLAS	1.343.253	22.529		1.365.782	96,60	1.413.789
41	PELES E COURO	13.985.817	85.254.855	129.275	99.369.947	58,67	169.379.057
41 1 8 0	PELES EM BRUTO DE OVINOS C/LA	989.625	1.058.838		2.048.463	52,78	3.881.105
41 2 1 1	COURO DE REZEIRO CURT. AD CROMO (BOX CALF)	302.539	4.432.115		4.734.654	77,28	6.126.779
41 2 2 1	COURO BOV. FLOR INTEGRAL C/ CURTIMENTO VEGETAL	3.884.440	5.950.328	12.050	9.846.818	93,43	10.539.489
41 2 2 2	COURO BOV. SEMI TERMINADO DE FLOR INTEGRAL	4.250.439	59.073.160	117.225	63.440.824	73,69	86.096.513
41 2 2 3	COURO BOVI. FLOR INTEGRAL, S/ACABAMENTO EM ANIL		1.610.514		1.610.514	91,56	1.759.053
41 2 2 9	COURO BOVI. MOLH., CURT. AD CROMO, DUTS. FORM. AFRE.		2.564.807		2.564.807	100,00	2.564.807
41 2 2 99	QUALQ. DUT. COURO BOVINO, EXC. POS. 41.06 E 41.08	3.651.549	7.608.943		11.260.492	94,96	11.857.623
41 4 1 2	FELE CAPRINO -AD CROMO, SECA (CRUST), EXC. 41.06		1.470.556		1.470.556	26,04	5.647.321
42	OBRAS DE COURO, ARTIGOS DE COUREIRO E DE SELEIRO, ARTIGOS DE VIAGEM, BOLSAS E ARTIGOS SEMELHANTES; TRIPAS EM OBRAS	14.784	1.288.604		1.303.388	50,90	2.560.893
44	MADEIRA, CARVAO VEGETAL E OBRAS DE MADEIRA	327.877		9.200.517	9.528.394	59,44	16.029.681
44 5 99 4	PEROBA SERRADA ESP. SUP. A 5MM			1.815.247	1.815.247	100,00	1.815.247
44 5 99 19	CANAFISTULA SERRADA ESP. SUP. A 5MM			1.494.351	1.494.351	100,00	1.494.351
44 14 2 0	CEDRO (GEN. CEDRELLA) SERR. LONG. ESP. IG. INF. 5MM			1.399.519	1.399.519	100,00	1.399.519
44 14 99 0	OUTS. MADEIRAS SERR. LONG. ESP. IG. INF. 5MM			1.801.652	1.801.652	99,06	1.818.785
47	MATERIAS UTILISADAS NA FABRICACAO DO PAPEL	14.291.541			14.291.541	33,26	42.963.454
47 1 5 1	PASTA QUIM. MAD. A SODA/ SULF. BRANCO. DE CONIFERAS	14.291.541			14.291.541	43,58	32.790.313
48	PAPEL CARTOLINA E CARTAO OBRAS DE PASTA DE CELULOSE, DE PAPEL, DE CARTOLINA E DE CARTAO	3.582.154	225.740		3.807.894	2,37	160.722.830
48 1 2 16	PAF. JORN. OFFSET, S/ L. D'AGUA, P/ IMP. JOR.	2.165.366			2.165.366	22,07	9.889.536
49	ARTIGOS DE LIVRARIA E PRODUTOS DAS ARTES GRAFICAS	4.150.876	346.482		4.497.358	6,93	64.880.862
49 1 1 0	LIV. TEC. CIENT. DID. C/ CAPA PAPEL, COURO ETC	1.107.364	154.559		1.261.923	5,13	24.592.663
49 2 2 0	REVISTAS OU MAGAZINES	2.841.961	118.750		2.960.711	14,69	20.161.324
51	TEXTIS SINTETICOS ARTIFICIAIS CONTIMPOS	5.951.195	4.756.239		10.707.434	30,62	34.967.216
51 1 16 1	FIO DE MAILON, ALVEJ., BRANCO., N/TEXT., N/VAREJO	133.846	445.383		579.229	27,71	2.090.222
51 1 22 0	FIO POLIURETANO, ALVEJ., BRANCO., N/TEXT., N/VAREJO	1.232.810			1.232.810	74,35	1.658.147
51 1 29 0	FIO RAYON ACETATO, ALVEJ., BRANCO., N/VAREJO	3.669.467	3.291.643		6.961.110	67,88	10.255.734

(continua)

(continuação)

CODIGO NBM	NOMES DOS CAPITULOS E ITENS	ARGENTINA			URUGUAI		PARAGUAI		A + B + C		TOTAL
		A	B	C	Abs.	X	BRASILEIRAS				
53	LA. PELOS E CRINAS	590.004	11.821.066				12.411.070	92,72		13.385.227	
53 1 1 2	LA BRUTA DE FINURA DE MAIS DE 46'S ATE 64'S		2.625.663				2.625.663	100,00		2.625.663	
53 5 1 3	LA CARD. DU PENT. DE FIN. DE 64'S DU MAIS FINA		6.730.653				6.730.653	100,00		6.730.653	
53 11 1 1	TEC. LA LISO, ESTAMPADO, TINTO, PES. ATE 450 G/M2		1.366.906				1.366.906	98,00		1.394.792	
55	ALGODAO	5.667.183	1.130.885	90.919.410			97.717.478	83,20		117.447.577	
55 1 0 0	ALGODAO NAO CORDADO NEM PENTEADO (EM RAMA)	3.138.270	289.678	90.909.400			94.337.348	84,20		112.045.951	
55 9 2 2	TEC. ALGODAO, LISO, TINTO, ETC, PES. ATE 60 G/M2	1.653.161	841.207				2.494.368	66,94		3.726.430	
60	TECIDOS E ARTIGOS DE MALHARIA		2.347.104				2.347.104	76,01		3.087.821	
60 5 2 0	CASACOS, JAQ., PULL-OVER, MALHA N/ELAST. S/BORR.		1.675.349				1.675.349	97,16		1.724.349	
61	VESTUARIO E SEUS ACESSORIOS, DE TECIDOS		4.951.414	37.728			4.989.142	62,36		8.000.055	
61 2 3 0	CASACOS, MANT., JAQ., E SEM. P/MULHERES E MENI.		1.003.738				1.003.738	98,34		1.020.634	
64	CALCADOS, PERNEIRAS, POLINAS E ARTIGOS SEMELHANTES; PARTES DESTES ARTIGOS	1.552.249	432.123				1.984.372	25,84		7.680.371	
64 5 1 99	QUALQ. OUT. SALTO E SOLA D/QUALQ. MAT. EXE. NET.	1.262.911	53.640				1.316.551	71,40		1.843.869	
70	VIDROS E OBRAS DE VIDRO	1.929.200	845.093				2.774.293	7,58		36.587.248	
70 10 1 0	GARRAFAS GARRAFÕES E FRASCOS DE VIDRO	1.840.901	791.106				2.632.007	94,97		2.771.386	
82	FERRAMENTAS ARTIGOS DE CUTELARIA E TALHERES DE METAIS COMUNS	2.311.396	17.714				2.329.110	3,38		68.810.213	
84	CALDEIRAS, MAQUINAS, AFARELHOS E INSTRUMENTOS MECANICOS	71.934.749	3.450.638	27.504			75.412.891	3,26	2.310.050.704		
84 6 4 1	MOT. D/EXPLOS. POLICILIND. P/VEICULOS DO CAP. 87		3.362.529				3.362.529	49,80		6.751.544	
84 6 7 1	MOT. D/EXPLOS. A ALCOOL POLICILIND. ATE 100 CV		8.375.445				8.375.445	100,00		8.375.445	
84 10 1 2	BOMBAS ALTERNATIVAS, DE PROPENSÃO MECANICA		1.244.620				1.244.620	53,28		2.335.820	
84 10 1 99	QUALQ. OUT. BOMBA, MOTOBOMB. E TORBOMB. F/LIQ.		1.115.118				1.115.118	4,37		25.526.101	
84 11 2 1	MOTOCOMPRESSOR HERMET. FRIG. P/REFRIG. E SEMEL.		2.482.092				2.482.092	9,32		26.640.365	
84 17 1 99	OUTROS AQUECEDORES		1.640.212				1.640.212	65,49		2.504.587	
84 19 2 2	MAQ. P/ENCHER,FECHAR GARRAFAS,PES. ACIM. DE 1000KG		1.558.827				1.558.827	64,33		2.423.251	
84 19 5 99	QUALQ. OUT. MAQUINA P/EMFACOTAR MERCADORIA		1.295.506				1.295.506	16,26		7.967.258	
84 19 99 2	OUT. MAQUI. P/LIMPAR, ENCHER, ETIO., ACIM. 1000KG		1.018.797				1.018.797	29,86		3.411.706	
84 45 2 4	TORNO TIP. AUTOM. HOMOFUSO, EXC. BANC ATE 3000KG		1.046.070				1.046.070	32,30		3.238.966	
84 45 3 4	TORNO TIP. AUTOM. HOMOFUSO, SUP. A 3000KG		7.143.672				7.143.672	95,52		7.478.537	
84 45 15 2	FRESADEIRA UNIVERSAL		1.026.631				1.026.631	20,97		4.895.814	
84 45 20 1	MAQ.-FERRAM. EXP. D/UMA ESTACA OU MULTIP. EST.		1.134.000				1.134.000	16,32		6.950.578	
84 45 32 2	MAQ. P/CURVAR, DOBRAR, ETC, PESO ACIM. 9000KG		2.216.850				2.216.850	97,31		2.278.189	
84 45 37 99	QUALQ. OUT. MAQUI. CORTADORA, TIPO GUILHOTINA		1.663.700				1.663.700	71,66		2.321.765	
84 45 38 0	OUT.MAQ.FERRAMENTAS QUE TRAB.FOR DEFORM.		916.000				916.000	13,24		6.918.420	
84 53 5 3	UNIDADE DE FITA MAGNETICA		8.987.479				8.987.479	73,73		12.189.372	
84 53 5 4	CONTROLADOR E/OU FORMATAOR DE FITA MAGNETICA		3.121.953				3.121.953	71,84		4.345.894	
84 60 4 0	MOLDES P/BORRACHA E MAT. PLAST. ARTIFICIAIS		1.192.191	760.790			1.952.981	8,75		22.315.261	
84 65 99 0	OUTS. FARTES, PECAS P/MAQUI. N/ESPECIF. OUTS POS		1.798.053				1.798.053	73,63		2.442.010	
85	MAQUINAS E AFARELHOS ELETRICOS E OBJETOS DESTINADOS A USOS ELETROTECNICOS	5.245.347	4.599.516	25.000			9.869.863	,73	1.360.076.764		
85 4 1 2	ACUMULADOR ELETRICO ACIDO, PES. SUP. 20 ATE 1000KG		1.476.753				1.476.753	76,06		1.941.464	
85 18 1 0	CONDENSADORES ELETRICOS FIXOS, DE CERAMICA		1.246.107				1.246.107	23,54		5.293.045	
85 23 4 0	CABO, FIO ELET. E COND. C/CONEX., CONTATO E FEGA		37.213	1.619.829			1.657.042	9,29		17.845.607	

(continua)

(conclusão)

CODIGO NRM	NOMES DOS CAPITULOS E ITENS	ARGENTINA	URUGUAI	PARAGUAI	A + B + C		TOTAL
		A	B	C	Abs.	X	IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS
87	VEICULOS AUTOMOVEIS, TRATORES, MOTOCICLOS, (MOTOCICLETAS, MOTORETAS E SEMELHANTES, VELOCIPEDES (BICICLETAS, TRICICLOS E SEMELHANTES) OUTROS VEICULOS TERRESTRES	35.014.490	112.291		35.126.781	10,78	325.980.866
87 6 6 0	PORTAS P/AUTOMVEL	2.848.553			2.848.553	94,41	3.017.094
87 6 13 0	CAIXA DE MARCHA OU MUD. DE MULT. OU RED. P/AUT.	23.159.585			23.159.585	15,00	154.398.582
87 6 14 0	CORDAS E PIMHOES P/AUTOMVEL	1.548.448			1.548.448	33,96	4.559.019
87 6 25 0	RADIADORES P/AUTOMVEIS	1.142.227			1.142.227	23,37	4.887.446
87 6 99 0	OUTROS ACESSORIOS P/VEIC. POS. 87.01 A 87.03	5.347.474			5.347.474	10,00	53.461.385
90	INSTRUMENTOS E APARELHOS DE OPTICA, DE FOTOGRAFIA E DE CINEMATOGRAFIA, DE MEDIDA, DE VERIFICACAO, DE PRECISAO; INSTRUMENTOS E APARELHOS MEDICO-CIRURGICOS	2.511.514	196.533		2.708.047	,60	454.183.211
	SUBTOTAL DE CAPITULOS	698.384.713	308.025.175	117.254.874	1.123.664.762	8,70	12.917.442.045
	SUBTOTAL DE MERCADORIAS	637.054.764	260.373.066	113.177.309	1.010.605.139	41,73	2.421.988.417
	OUTROS CAPITULOS	8.719.363	5.886.401	116.689	14.722.453	,87	1.687.811.465
	DEMAIS MERCADORIAS	70.049.312	53.538.510	4.194.254	127.782.076	1,05	12.183.265.093
	TOTAL DAS IMPORTACOES	707.104.076	313.911.576	117.371.563	1.138.387.215	7,79	14.605.253.510

FONTE DADOS BRUTOS: MINFAZ - CIEF

\*Foram selecionadas as mercadorias e capitulos cujas importacoes brasileiras de pelo menos um desses paises superaram US\$ 1.000.000,00

TABELA A.2.2 - EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS PARA ARGENTINA, URUGUAI E PARAGUAI E TOTAL DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS, SEGUNDO CAPÍTULOS E ITENS SELECIONADOS DA NOMENCLATURA BRASILEIRA DE MERCADORIAS\* - 1988

(Em US\$ - FOB)

CÓDIGOS NCM	CAPÍTULOS E MERCADORIAS	ARGENTINA	URUGUAI	PARAGUAI	A + B + C		TOTAL
		(A)	(B)	(C)	Abs.	%	EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS
3	PEIXES, CRUSTACEOS E MOLUSCOS	3.859.621	-	-	3.859.621	2,13	181.356.175
3 1 4 1 1	ATUM CONGELADO, INTEIRO OU ESCONGELADO	2.933.546	303.082	-	3.236.628	22,63	14.381.866
7	LEGUMES E HORTALICAS, PLANTAS, RAIZES E TUBERCULOS ALIMENTICIOS	1.479.630	6.000	4.604	1.490.234	26,83	5.553.803
7 1 27 0 1	TOMATES,FRESCOS OU REFRIGERADOS	1.354.908	-	-	1.354.908	99,78	1.357.958
8	FRUTOS COMESTIVEIS; CASCAS DE FRUTAS CITRICAS E DE MELOES	10.769.935	4.845.692	69.747	15.685.374	8,24	190.350.789
8 1 2 1 1	BANANAS FRESCAS	7.864.481	4.670.189	-	11.734.670	99,75	11.764.459
8 1 3 0 1	ABACAXIS - ANANASES- FRESCOS	2.717.244	151.156	-	2.868.400	89,59	3.201.754
9	CAFE, CHA, MATE E ESPECIARIAS	29.138.248	19.399.755	30.611	48.568.614	2,28	2.127.614.877
9 1 1 0 1	CAFE CRU EM GRAO	15.780.872	855.577	-	16.635.649	,83	2.008.945.328
9 3 1 0 1	ERVA-MATE CANCHEADA	8.641.955	13.985.812	30.000	22.657.767	99,20	22.839.367
9 3 2 0 1	ERVA-MATE BENEFICIADA	-	3.895.238	-	3.895.238	33,15	11.749.699
9 4 1 1 1	PIMENTA PRETA	1.513.874	187.948	-	1.701.822	3,38	51.497.361
9 4 1 2 1	PIMENTA BRANCA	3.167.447	245.268	-	3.412.715	47,83	7.135.571
15	GORDURAS E OLEOS (ANIMAIS E VEGETAIS) PROD. DE SUA DISSOCIACAO, GORDURAS ALIMENTICIAS ELABORADAS; CERAS DE ANIMAL OU VEGETAL	1.158.955	573.691	2.021.983	3.754.629	,82	459.365.558
16	PREPARACAO DE CARNES, DE PEIXES, DE CRUSTACEOS E DE MOLUSCOS	-	104.660	2.480.569	2.585.229	,88	293.044.024
16 4 4 0 3	PREPARACOES E CONSERVAS DE SARDINHAS	-	104.660	1.833.113	1.937.773	86,58	2.238.061
17	ACUCARES E PRODUTOS DE CONFEITARIA	168.901	119.779	6.217.391	6.506.071	1,53	425.132.284
17 4 2 0 3	BOMBONS OU BALAS	-	-	1.282.766	1.282.766	10,27	12.494.926
17 4 6 0 3	GOMAS DE MASCAR - CHICLETS	90.260	102.993	2.468.397	2.661.650	24,89	10.692.682
18	CACAU E SUAS PREPARACOES	15.486.981	1.658.400	3.379.755	20.525.216	3,74	549.124.365
18 1 1 0 1	CACAU EM AMENDOAS, CRU	2.860.886	320.802	-	3.181.688	1,48	215.495.383
18 3 1 0 2	PASTA DE CACAU REFINADA - LIQUOR E CACAU	5.511.788	1.367	-	5.513.155	5,79	95.278.114
18 3 99 0 2	OUTROS PROD. CACAU EM MASSA OU PAES INCL. TORTA	2.879.865	687.319	-	3.567.184	11,29	31.608.508
18 4 0 0 2	MANTEIGA DE CACAU INCL. GORDURA E OLEO DE CACAU	3.715.381	586.800	-	4.221.461	2,47	171.189.695
18 6 4 2 3	BOMBONS OU BALAS (DE CHOCOLATE)	93.537	9.662	1.609.834	1.703.033	42,58	3.999.907
20	PREPARACAO DE LEGUMES, DE HORTALICAS, DE FRUTAS E DE OUTRAS PLANTAS OU PARTE DE PLANTAS	1.190.394	217.439	3.627.577	5.035.410	,41	1.227.744.778
20 2 13 0 3	MASSA DE TOMATE COM 7% OU MAIS DE EXTRATO SECCO	-	36.293	3.025.860	3.062.153	17,20	17.807.845
21	PREPARACOES ALIMENTICIAS DIVERSAS	696.555	316.408	1.896.550	2.109.513	,78	269.894.514
22	BEBIDAS LIQUIDOS ALCOOLICOS E VINAGRES	1.527.268	97.317	3.861.892	5.486.477	11,18	49.062.246
22 3 3 0 3	CERVEJAS EM LATA	429.614	56.700	1.043.644	1.529.958	68,28	2.240.713
22 9 7 0 3	AGUARDENTE DE CANA E AGUARDENTE DE MELACAO	-	-	1.126.163	1.126.163	72,51	1.553.195
24	FUMO DO TABACO	2.827	2.022.776	2.425.859	4.451.462	,88	553.251.748
24 1 1 2 1	FOLHAS DE FUMO DESTILADAS MEC.	-	1.489.993	-	1.489.993	,38	390.703.494
24 2 2 2 3	CIGARROS FEITOS POR PROCESSOS MECANICOS	-	10.781	2.403.859	2.414.640	8,32	29.009.414
25	SAL, ENXOFRE, TERRAS E PEDRAS, GESSOS, CAL E CIMENTOS	6.988.359	937.679	3.931.869	11.857.907	8,15	145.414.299
25 7 2 2 1	CAULIM LAVADO OU BENEFICIADO	1.912.815	352.213	-	2.264.228	7,09	31.517.970
25 19 3 0 1	MAGNESIA CALCINADA A MORTE - FRITADA	2.203.633	520	-	2.204.153	9,07	24.304.680
25 23 2 0 3	CIMENTO PORTLAND COMUM	-	-	3.331.751	3.331.751	83,80	3.975.725



(continuação)

CODIGOS NBM	CAPITULOS E MERCADORIAS	ARGENTINA	URUGUAI	FARAGUAI	A + B + C		TOTAL
		(A)	(B)	(C)	Abs.	%	EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS
25 24 2 0 1	AMIANTO EM FIBRA	1.365.192	308.450	-	1.673.642	12,42	13.475.445
26	MINERIOS METALURGICOS, ESCORTIAS E CINSAS	80.547.394	163.950	1.369.000	82.080.344	3,96	2.072.073.061
26 1 1 1 1	HEMATITA	31.823.577	-	1.287.000	33.110.577	2,62	1.265.870.542
26 1 1 0 1	ITABIRITO AGLOMERADO	42.574.083	-	-	42.574.083	13,31	319.780.825
26 1 15 99 1	QUALQUER OUTRO MINERIO DE MANGANEZ	4.944.556	-	80.000	5.024.556	12,79	39.275.854
27	COMBUSTIVEIS MINERAIS, OLEOS MINERAIS E PRODUTOS DE SUA DISTILACAO; MATERIAS BETUMINOSAS; CERAS MINERAIS	43.246.138	25.075.041	25.720.411	94.041.590	10,49	896.900.403
27 10 2 1 3	GAD-OIL E DIESEL-OIL	26.139.019	9.467.251	14.403.667	50.009.937	50,62	98.804.555
27 10 2 2 3	FUEL-OIL	-	13.298.936	5.878	13.304.814	10,46	127.199.171
27 10 3 3 3	GASOLINA DE AVIACAO	-	-	1.631.614	1.631.614	65,06	2.477.579
27 10 4 99 3	QUALQUER OUTRO QUEROZENE	15.283.091	-	-	15.283.091	100,00	15.283.091
27 10 9 1 3	OLEO LUBRIFICANTE A GRANEL	1.332.576	-	-	1.332.576	5,61	23.769.318
27 10 9 2 3	OLEO LUBRIFICANTE EMBALADO	-	-	2.076.453	2.076.453	85,08	2.440.649
27 11 4 0 3	MISTURA DE PROPANO E BUTANO - GLP	-	925.571	5.999.627	6.925.198	100,00	6.925.198
28	PRODUTOS QUIM. INORG., COMPOSTOS INORG. OU ORG. DE METAIS PRECIOSOS, DE ELEM. RADIIATIVOS E DE METAIS DAS TERRAS RARAS E DE ISOTOPOS	14.182.412	2.979.022	2.352.197	19.513.631	11,96	163.186.452
28 17 1 2 3	SODA CAUSTICA FUNDIDA	-	-	1.027.753	1.027.753	49,24	2.087.283
28 20 2 0 3	HIDROXIDO DE ALUMINIO INCL. ALUMINA GEL.	1.409.291	259.066	111.054	1.779.411	91,68	1.940.995
28 20 3 1 3	CORINDON BRANCO ARTIF. COM GRANUL ATE 220 MESH.	1.652.954	11.830	-	1.664.784	19,86	8.383.336
28 20 3 99 3	QUALQUER OUTRO CORINDON ARTIFICIAL	2.765.895	24.095	-	2.789.990	19,87	14.039.846
28 40 27 6 3	TRIPOLIFOSFATO DE SODIO, EXC. DE GRAU ALIM.	71.340	1.136.095	-	1.207.435	44,56	2.709.659
28 54 0 0 3	PEROX. DE HIDROGENIO INCL. AGUA OXIGENADA SOLIDA	3.528.364	319.529	147.078	3.994.971	59,28	6.738.773
29	PRODUTOS QUIMICOS ORGANICOS	125.117.372	6.442.038	544.042	132.103.452	15,18	870.019.995
29 1 9 0 3	ETILENO- ETENO	7.343.854	-	-	7.343.854	100,00	7.343.854
29 1 35 0 3	ESTIRENO - VEMILBENZENO, ESTIROLENO, ESTIROL	5.918.445	75.620	481	5.994.546	9,26	64.749.029
29 1 48 2 3	ORTO-XILENO	1.125.925	547.120	-	1.673.045	16,34	10.241.029
29 4 3 2 3	ALCOOL ISOBUTILICO -2-METIL-1-PROPANOL	1.781.017	134.362	-	1.915.379	53,61	3.573.039
29 4 16 0 3	ALCOOL OCTILICO-1-OCTANOL	8.653.441	-	-	8.653.441	23,48	36.855.472
29 4 28 0 3	ETILENOGLICOL- ETANODIOL.GLICOL	8.138.645	84.835	-	8.223.480	21,18	38.825.521
29 4 34 1 3	PROPILENOGLICOL, GRAU INDUSTRIAL OU FARMACEUTICO	5.109.175	225.206	9.729	5.344.110	51,99	10.278.284
29 6 20 0 3	BISFENOL A	1.628.080	500	-	1.628.580	14,88	10.944.492
29 9 4 0 3	OXIDO E PROPILENO - EPOXIDO E PROPILENO	13.764.355	-	-	13.764.355	55,53	24.787.612
29 14 3 20 3	ACETATO E VINILA	2.919.439	735.540	23.000	3.677.979	10,86	33.867.387
29 15 6 0 3	ACIDO ADIPICO-HEXANODIICO	6.593.746	73.125	-	6.666.871	66,93	9.960.724
29 15 10 1 3	ACIDO PARAFITALICO-ACIDO TEREFITALICO	1.880.352	-	-	1.880.352	100,00	1.880.352
29 15 10 2 3	ISOFITALATO DE DIMETILA	6.627.918	-	-	6.627.918	37,65	17.603.937
29 16 1 1 3	ACIDO CITRICO- HIDROXIPROPANOTRICOARROXILICO	1.142.590	43.550	25.450	1.211.590	41,53	2.917.587
29 22 38 0 3	HEXAMETILENODIAMINA E SEUS SAIS	2.134.274	-	-	2.134.274	100,00	2.134.274
29 23 23 0 3	GLUTAMATO MONOSSOICO	2.345.221	59.272	3.605	2.408.098	4,92	48.901.249
29 27 3 0 3	ACRILONITRILA- CIANETO DE VINILA	3.990.922	-	-	3.990.922	100,00	3.990.922
29 30 3 0 3	CICLOHEXIL SULFAMATO DE SODIO	1.238.975	36.400	-	1.275.375	17,71	7.199.623
29 30 99 0 3	OUTROS COMP. DE OUTRAS FUNCOES NITROGENADAS	1.198.717	8.835	6.360	1.213.912	90,35	1.343.565
29 31 32 0 3	METIONINA	2.929.657	121.151	22.440	3.073.248	73,36	4.189.101
29 35 5 0 3	QUINOLINA E SEUS SAIS	2.884.403	-	-	2.884.403	31,66	9.109.280
29 35 48 1 3	EPSILON-CAPROLACTANA	9.565.381	-	-	9.565.381	41,04	23.306.535
29 35 68 1 3	CLORIDATO DE AMILORIDA	1.453.170	-	-	1.453.170	91,80	1.582.967
29 35 99 99 3	QUALQUER OUTRO COMP. METERO. INC. AC. NUCLEICOS	2.874.717	72.362	-	2.947.079	16,81	17.532.435
30	PRODUTOS FARMACEUTICOS	5.809.668	1.985.843	556.759	8.352.270	29,71	28.116.502
30 3 48 99 3	MED. C/BASE QUALQUER OUT. COMP. QUIM. ORG./INORG	4.907.045	1.178.716	152.586	6.238.347	47,70	13.078.056

(continua)

(continuação)

CÓDIGOS NDM	CAPÍTULOS E MERCADORIAS	ARGENTINA	URUGUAI	PARAGUAI	A + B + C		TOTAL
		(A)	(B)	(C)	Abs.	X	EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS
31	FERTILIZANTES	2.061.325	6.420.347	6.038.231	14.519.903	75,94	19.119.797
31 3 6 0 3	SUPERFOSFATOS C/TEOR P 205 DE MAIS 45X	872.056	4.563.206	338.939	5.774.201	100,00	5.774.201
31 5 1 1 3	FOSFATO DE AMON. TETR. DE ARSEN. 4MG/KG OU MAIS	-	593.820	1.328.024	1.921.844	100,00	1.921.844
31 5 6 0 3	FERTURA DE FERTILIZ. C/NITRO. FOSF. E POTASIO	56.492	-	4.078.329	4.134.821	99,41	4.159.381
32	EXTRATO TANANT. TINTOR. TANINOS, MAT. CORANTES, CORES, TINTAS, VERNIZES, TINTURAS; MASTIQUES, TINTAS ESCR. IMPR	2.620.003	4.622.241	3.686.646	10.928.890	19,13	57.118.066
32 5 16 0 3	PIGMENTOS ORGANICOS	-	1.140.466	31.997	1.172.463	59,27	1.978.243
33	OLEOS ESSENC.E RESINOIDEOS;PROD.DE PERFUM.OU DE TOUCADOR E COSMETICOS	368.314	519.070	3.021.239	3.908.623	7,56	51.675.655
33 6 20 0 3	DENTIFRICIO DOT.PREP. P/HIGIENE BUCAL DENTES	480	-	1.020.268	1.020.748	19,32	5.284.641
34	SABOES, PRODUTOS ORGANICOS TENSO-ATIVOS, PREPARACOES PARA LIXIVIAS; PREPARACOES LUBRIFICANTES, CERAS ARTIFICIAIS, CERAS PREPARADAS, PRODUTOS PARA CONSERVACAO E LIMPEZA, VELAS E ARTIGOS SEMELHANTES; PASTAS PARA MODELAR, CERAS PARA ODONTOLOGIA	4.187.384	944.047	5.510.417	10.641.848	16,01	66.474.697
34 2 3 0 3	PRODUTOS ORGANICOS TENSO-ATIVO NAO IONICOS	3.082.684	779.852	34.614	3.897.150	67,90	5.739.580
34 2 5 1 3	DETERGENTE A BASE ALQUIL E ARIL SULFONATO	-	749	2.263.291	2.264.040	63,46	3.567.396
34 6 2 2 3	OUTRAS VELAS DE PARAFINA	-	-	1.354.388	1.354.388	51,43	2.633.251
35	MATERIAS ALBUMINOIDES; COLAS E ENSIMAS	1.265.342	219.511	253.018	1.737.871	4,85	35.816.208
36	POLVORAS E EXPLOSIVOS; ARTIGOS DE PIROTECNIA, FOSFOROS, LIGAS PIRFORICAS E MATERIAS INFLAMAVEIS	356.184	201.941	1.847.884	2.406.009	23,82	10.100.342
36 6 1 0 3	FOSFOROS DE MADEIRA	-	8.044	1.439.190	1.447.234	39,30	3.682.540
37	PROD. PARA FOTOGRAFIA E CINEMATIGRAFIA	5.376.311	1.635.918	1.170.573	8.182.802	6,94	117.974.300
37 2 4 6 3	FILMES FOTOGRAFICOS PARA IMAGENS POLICROMATICAS	1.106.015	735.731	406.177	2.247.923	29,42	7.641.838
37 3 2 0 3	PAPEIS SENS. INFR. OU NAO P/IMAGEM POLICROM.	2.924.909	661.423	398.765	3.985.097	4,41	90.343.986
38	PROD. DIVRESOS DAS INDUSTRIAS QUIMICAS	22.684.726	4.129.845	3.198.266	30.012.837	19,67	152.589.044
38 11 2 1 3	INSETICIDAS	381.511	205.187	1.086.440	1.673.138	21,59	7.749.428
38 11 3 1 3	FUNGICIDAS	2.357.796	509.235	54.223	2.921.254	34,32	8.511.691
38 11 3 2 3	HERBICIDAS	6.252.361	1.414.398	511.283	8.178.042	22,54	36.283.641
38 14 4 1 3	AD. ANTI-DESG. ANTI-OXI, ANTI-COR P/OL. LUBRI.	3.597.178	-	570	3.597.748	99,70	3.608.492
38 14 5 1 3	FREP. OU MIST. P/OLEOS LUBRIFICANTES	2.679.602	-	-	2.679.602	100,00	2.679.602
38 14 6 0 3	OUTROS ADITIVOS P/OLEOS OU GRAXAS LUBRIF.	1.981.516	37.928	22.644	2.042.088	79,88	2.556.294
38 19 99 0 3	OUT. PROD. QUIM. E FREP. N/COMPR. EM OUT. PARTE	2.020.619	519.515	187.666	2.727.800	5,15	52.999.675
39	MATERIAS PLASTICAS ARTIFICIAIS, ETHERES E ESTERES DA CELULOSE, RESINAS ARTIFICIAIS E OBRAS DESTAS MATERIAS	50.084.827	34.692.331	15.341.582	100.118.740	14,65	683.312.737
39 1 7 99 3	QUALQUER OUTRA RES. EPOXIDA	99.952	2.278.846	-	2.378.798	83,74	2.840.796
39 1 10 0 3	OUTRO PRODUTO COND. POLICOND. POLIADICAO LIQ. PAST.	88.639	1.019.459	655.623	1.763.721	18,14	9.725.175
39 1 13 3 3	POLI-TERF.DE ETILENO EXC.C/CARGA F.VIDRO	1.443.040	130.928	-	1.573.976	88,18	1.785.032
39 1 15 3 3	POLIAMIDA - 6 E 6,6, S/CARGA DE FIBRA DE VIDRO	225.675	1.329.000	-	1.554.675	67,82	2.292.448
39 2 16 1 3	POLIETILENO DE DENS. INFERIOR A 0,94 SEM CARGA	1.750.459	10.081.082	2.316.170	14.147.711	7,85	180.154.778
39 2 16 3 3	POLIETILENO DE DENS. IGUAL OU SUP. A 0,94 SEM CARGA	4.810.964	6.128.558	4.098.455	15.037.977	28,25	74.244.068
39 2 16 5 3	COPOLIMERO DE ETILENO-ACETATO DE VINILA.EVA	1.083.978	197.127	-	1.281.105	56,87	2.252.682
39 2 19 1 3	POLIPROPILENO SEM CARGA EM POS GRAN. ETC	23.676.397	2.378.831	1.485.199	27.540.427	27,57	99.886.668
39 2 20 1 3	POLIESTIRENO, SEM CARGA EM POS GRAN. E ETC	2.999.911	1.003.498	170.421	4.083.830	25,76	15.854.777
39 2 21 2 3	POLI-CLORETO, VINILA-FVC-DBT.P/ PROC.SUSPENS.	1.989.005	2.896.060	1.673.228	6.558.293	9,73	67.385.785
39 2 34 99 3	QUALQUER OUTRO CHP. FLH. E SEM. DE POLIM. E COPOLIM.	2.455.487	308.882	493.050	3.257.419	11,63	28.007.420
39 3 26 0 3	HIROXIETILCELULOSE EM FORMA SOLIDA	1.208.429	100.200	271.000	1.579.629	22,87	6.908.198

(continuação)

CODIGOS NBM	CAPITULOS E MERCADORIAS	ARGENTINA	URUGUAI	FARAGUAI	A + B + C		TOTAL
		(A)	(B)	(C)	Abs.	X	EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS
40	BORRACHA NATURAL OU SINTETICA, SUBSTITUTOS DA BORRACHA E OBRAS DA BORRACHA	11.281.373	4.082.802	32.627.020	47.991.195	14,94	321.137.143
40 2 99 3 3	POLIBUTADIENO DE BORRACHA SINTETICA	2.853.594	441.251	-	3.294.845	89,69	3.673.745
40 11 1 1 3	PNEUMATICOS PARA AUTOMOVEIS	503.662	554.094	3.715.121	4.772.877	4,79	99.583.201
40 11 1 2 3	PNEUMATICOS P/CAHINHOS, ONIBUS E CAMIONETES	3.241.778	1.047.627	23.448.582	27.737.987	27,39	101.274.711
40 11 1 3 3	PNEUMATICOS PARA MAQUINAS DE TERRAPLANAGEM	1.198.517	58.803	334.393	1.591.713	5,31	29.966.498
40 11 1 6 3	PNEUMATICOS P/MOTOCICLO E VELOCIPED	1.103.463	25.234	223.488	1.352.185	24,33	5.557.770
40 11 2 0 3	CAMARAS DE AR DE BORRACHA VULCANIZADA P/QQ T. RODA	532.650	294.943	2.792.238	3.619.831	32,91	11.000.852
41	PELES E COUROS	127.063	2.839.943	332.984	3.299.990	,92	359.462.850
41 2 E 2 2	COURO BOV. SEMI-TERMINADO DE FLOR INT.	16.057	1.792.882	-	1.808.939	1,75	103.606.748
44	MADEIRA, CARVAO VEGETAL E OBRAS DE MADEIRA	3.611.517	3.114.320	617.566	7.343.403	1,43	511.981.391
44 5 1 1 2	PINHO SERRADO LONGIT. DE ESPESURA SUP. A 5MM	2.132.718	-	1.946.583	4.079.301	34,50	11.823.101
47	MATERIAS UTILISADAS NA FABRICACAO DO PAPEL	9.161.324	2.064.778	95.360	11.321.462	1,00	629.250.477
47 1 1 0 2	PASTA MECANICA DE MADEIRA P/FABRIC. DE PAPEL	1.970.706	-	-	1.970.706	94,82	2.078.279
47 1 5 2 2	PASTA QUIMICA DE MAD., SODA, SULF. BRANQUEADO NAO CON.	6.941.738	574.998	-	7.516.736	1,29	584.151.560
47 1 7 1 2	PASTA QUIM. MAD. AO SULFITO, BRANQUEAD., DE COM.	157.794	1.121.580	-	1.279.374	27,19	4.704.522
48	PAPEL, CARTOLINA E CARTAO; OBRAS DE PASTA DE CELULOSE, DE PAPEL, DE CARTOLINA E DE CARTAO	15.568.272	6.778.020	7.206.451	29.552.743	4,32	684.163.639
48 1 2 2 3	PAPEL PARA IMPRIMIR E ESCREVER	494.165	445.127	2.244.373	3.183.665	1,05	302.547.096
48 1 2 3 2	PAPEL KRAFT	1.616.312	251.843	822.012	2.690.167	1,76	153.202.903
48 1 2 11 3	PAPEL C/L.D.AGUA,ASP.LIS.COUCHE P/IMP.JOR. E REV.	3.549.339	-	-	3.549.339	97,84	3.627.649
48 1 2 15 3	PAPEL JORNAL S/L. D. AGUA PESANDO ATE 546 P/M2	3.140.586	998.675	719.962	4.859.223	72,14	6.735.709
48 1 2 18 3	PAPEL P/ FABRICACAO DE LAMINADO PLASTICO	1.018.902	52.789	-	1.071.691	76,32	1.404.224
48 7 7 0 3	PAPEL E CART. EMPREG. DE RESINA ART. OU SINTETICA	1.278.244	107.848	6.140	1.392.232	63,04	2.208.664
48 16 1 4 3	EMB. PARA OVOS E OUTROS PROD. ALIH. DE PAPEL CART.	708.004	2.800.266	-	3.508.270	97,76	3.588.775
49	ARTIGOS DE LIVRARIA E PRODUTOS DAS ARTES GRAFICAS	2.102.246	55.965	162.030	2.320.241	9,22	25.173.689
49 1 3 0 3	OUT. LIVROS FOLH. E SH. P. FINS CULTURAIS S/ENT.	1.248.897	-	-	1.248.897	61,70	2.024.156
51	TEXTEIS SINTETICOS E ARTIFICIAIS CONTINUOS	2.623.872	907.766	900.648	4.432.286	9,12	48.613.571
53	LA, PELOS E CRINAS	105.265	1.935.134	731	2.041.130	12,32	16.573.111
53 1 1 2 1	LA BRUTA DE FINURA C/MAIS DE 46 S. ATE 64 S.	-	1.628.778	-	1.628.778	34,39	4.736.806
54	LINHO E RAMI	259	1.102.355	470	1.103.084	4,07	27.097.048
55	ALGODAO	915.506	4.513.071	10.054.764	15.483.341	4,03	383.965.412
55 8 99 0 3	OUTROS TECIDOS DE ALGODAO BOUCLES TIPO ESPONJA	141.000	60.239	3.256.346	3.457.664	30,24	11.435.586
55 9 2 2 3	TECIDO ALGODAO LISO ALV. EST. ODU MERC. P3606/M2	74.825	3.772.208	6.499.734	10.346.847	18,95	54.605.429
56	TEXTEIS SINTETICOS E ARTIFICIAIS DESCONTINUOS	8.534.706	3.213.347	552.091	12.300.144	9,98	123.305.974
56 1 1 2 3	FIBRAS TEXTEIS DE POLIESTERES DESCONTINUAS	2.251.608	697.175	136.545	3.085.328	29,57	14.999.696
56 1 2 2 3	FIBRA ART. DE RAION VISCOSE	4.588.458	1.251.544	-	5.840.002	47,71	12.241.170
56 7 1 5 3	T. FIR. TEXT. SINT. POLIEST. EST. TINT. C/F. COR DIF.	1.201.359	410.162	168.181	1.779.702	7,99	22.267.765
57	OUTRAS FIBRAS TEXTEIS VEGETAIS; FIOS E TECIDOS DE PAPEL	1.188.012	45.300	302.526	1.535.838	4,44	34.588.403
57 10 1 1 3	TECIDOS DE JUTA LISO CRU	1.139.291	-	301.498	1.440.789	100,00	1.440.789
58	TAPETES E TAFECARIAS, VELUDOS, FELUCIAS, TEC. BOUCLES, CHENILLE, FITAS, PASSAMANARIAS, TULES, MALHA DE NOS (REDE), RENDAS, ET	142.558	100.802	1.649.568	1.892.928	18,94	9.995.219

(continuação)

CODIGOS NBM	CAPITULOS E MERCADORIAS	ARGENTINA	URUGUAI	FARAGUAI	A + B + C		TOTAL
		(A)	(B)	(C)	Abs.	%	EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS
59	PASTAS, ("QUATES"), FELTROS, CORDAMES, ART. DE CORDOARIA, TEC. ESPECIAIS, IMPREGNADOS, REVESTIDOS, ARTIGOS MAT. TEX. P/USO TECNICO	421.723	835.563	2.049.224	3.306.510	4,29	77.106.687
59 4 5 0 3	CORDEIS, CORDAS E CABOS DE POLIAMIDA	8.759	54.950	1.014.152	1.077.861	38,91	2.770.429
61	VESTUARIO E SEUS ACESSORIOS DE TECIDO	-	276.796	4.326.637	4.603.433	3,42	134.611.905
62	OUTROS ARTIGOS CONFECCIONADOS DE TECIDOS	39.312	73.722	11.781.136	11.894.170	6,04	196.889.580
62 1 3 0 3	COBERTOR E MANTA DE VIAGEM, FIB.TEXT., SINT., E ART.	17.286	1.530	1.841.456	1.860.272	96,90	1.919.736
62 2 1 1 3	LENÇOL, FRONHA E COUCHA	2.593	10.633	5.383.625	5.396.851	14,60	36.973.286
62 2 3 1 3	TOALHA DE BANHO E DE ROSTO	13.015	12.946	2.251.291	2.277.252	2,44	93.381.363
64	CALÇADOS, FERNEIRAS, POLAINAS E ARTIGOS SEMELHANTES; PARTES DESTES ARTIGOS	6.146	1.398.452	6.110.046	7.514.644	,59	1.280.949.923
64 1 1 99 3	QUALQUER OUTRO CALÇADO DE BORRACHA	-	1.700	1.819.284	1.820.984	55,68	3.270.708
64 2 1 2 3	CALÇADO DE COURO, USO COMUM P/MULHERES E MEN.	-	1.009.104	122.952	1.212.136	,15	791.831.679
64 2 5 0 3	CALÇADO TEXTIL COM SOLA BORRACHA OU MATERIA PLASTICA	-	3.879	2.094.478	2.098.357	26,58	7.894.759
68	OBRAS DE PEDRAS, GESSO, CIMENTO, AMIANTO, MICA E MATERIAS SEMELHANTES	2.662.968	604.282	4.680.100	7.947.350	15,91	49.954.014
68 12 1 1 3	CHAPA ONDULADA DE AMIANTO-CIMENTO	-	-	2.584.835	2.584.835	76,17	3.393.346
68 16 3 0 3	TIJOLO LADRILHO E SEMELHANTES CRU	1.025.075	-	259.973	1.285.048	100,00	1.285.048
69	PRODUTOS CERAMICOS	3.787.966	796.119	10.286.966	14.871.051	9,88	150.555.113
69 2 1 2 3	TIJOLO MAGNESIANO DE OLIMITA CROMO E ETC	2.382.780	141.456	867.196	3.391.432	23,01	14.736.020
69 8 1 1 3	AZULEJOS E LADRILHOS DECORADOS	-	289.125	1.994.388	2.282.513	4,56	50.009.047
69 8 1 99 3	QUALQUER OUTRO AZULEJO E LADRILHO	-	45.867	3.382.279	3.428.146	12,96	26.444.999
69 10 0 0 3	PIAS, LAV., BIDES, VASO SANIT. ETC	-	10.396	1.180.813	1.191.209	7,08	16.824.914
70	VIDROS E OBRAS DE VIDRO	4.371.966	2.048.586	2.337.237	8.757.789	11,27	77.682.994
70 6 3 0 3	VIDRO VASADO DE MAIS DE 100CM2 DE SUPERFÍCIE	2.649.540	435.967	14.820	3.100.327	25,79	12.021.642
73	FERRO FUNDIDO, FERRO E AÇO	198.689.982	21.735.277	21.825.674	242.250.933	5,83	4.156.529.791
73 1 2 1 2	FERRO GUSA	11.418.574	35.750	7.250	11.461.574	3,83	299.176.107
73 2 5 0 2	FERRO-MANGANEZ	2.165.110	45.268	211.000	2.421.378	12,44	19.461.992
73 7 1 0 2	BLOOMS E PALANQUILHAS DE FERRO E AÇO	116.409	1.079.750	582.495	1.778.654	,66	271.243.386
73 7 2 0 2	SLABS E LARGETS E FERRO E AÇO	33.421.321	-	-	33.421.321	5,52	604.921.440
73 8 0 0 2	RUBINAS PARA RELAMINACAO DE FERRO OU DE AÇO	67.846.282	-	-	67.846.282	47,79	141.980.820
73 10 1 1 3	FIO MAQUINA DE FERRO DE AÇO LAMIN. OU EXTRUS.	1.440.883	975.562	126.950	2.543.395	1,19	213.163.167
73 13 1 1 3	CHAPA DE FERRO E AÇO N/REVEST. ATE 125 MM ESP.	29.309.583	981.045	700.344	30.990.972	8,22	377.015.050
73 13 2 0 3	CHAPA FERRO OU AÇO N/REV. DE 3mm ATE 4,75 mm	13.168.464	1.297.976	418.100	14.884.540	11,62	128.145.345
73 13 3 1 3	CHAPA DE FERRO OU AÇO LAMINADA A QUENTE	7.346.723	1.042.329	100.704	8.489.756	3,26	260.752.175
73 13 3 2 0	CHAPA DE FERRO OU AÇO LAMINADA A FRIO	503.602	916.584	5.645.938	7.066.124	2,18	324.272.598
73 13 4 1 3	FOLHA DE FLANDRES DE 41 KG A 88,5 KG.P/CX.BRAS.	1.413.978	1.087.502	326.441	2.827.921	11,09	25.506.648
73 13 4 99 3	QUALQUER OUTRO TIPO DE FPLHA DE FLANDRES	7.243.713	1.439.621	37.990	8.721.324	10,76	81.084.608
73 13 7 1 3	CHAPAS GALVANIZ. DE MENOS DE 3MM	-	633.387	1.649.023	2.282.410	6,45	35.411.596
73 13 7 3 3	CHAPAS REVESTIDAS DE CROMO DE MENOS DE 3 mm.	2.174.033	-	-	2.174.033	16,82	12.923.675
73 14 2 1 3	FIO REV. OVALADO PARA CERCA DE FERRO E AÇO	-	69.498	2.848.449	2.917.947	98,97	2.948.408
73 15 8 2 3	BARRAS LAM. EXTRUSAS DE AÇO LIGA INOXIDAVEL	1.641.540	43.809	-	1.685.349	118,21	1.425.724
73 15 13 1 3	CHAPAS AÇO ALTO-CARB. N/REVEST., DE M/4,75MM	2.088.786	80.360	-	2.169.146	40,83	5.313.135
73 15 14 1 3	CHAPAS AÇO ALTO-CARB. N/REVEST. DE 3 A 4,75 MM	1.479.450	50.418	-	1.529.868	52,89	2.892.730
73 15 15 2 3	CHAPAS DE AÇO-LIGA INOX. N/REVEST. MENOS DE 3 MM	2.555.913	1.090.992	-	3.646.905	11,74	31.062.010
73 23 2 1 3	LATA DE CHAPA DE FERRO OU AÇO COM CAPACIDADE MAX. DE 20L.	2.107.370	3.417	1.284.713	3.395.500	97,65	3.477.346
73 25 0 0 3	CABOS E SEM. DE FIOS DE AÇO, EXCL. P/ USO ELETRICO	3.619.065	391.281	477.883	4.488.229	30,65	14.645.011
73 26 1 0 3	ARAME FARPADO	578	9.261	1.082.529	1.092.368	17,61	6.203.634

(continuação)

CODIGOS NBM	CAPITULOS E MERCADORIAS	ARGENTINA	URUGUAI	PARAGUAI	A + B + C		TOTAL
		(A)	(B)	(C)	Abs.	X	EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS
73 31 2 0 3	FREGOS DE FERRO OU ACO	4.548	42.236	1.177.621	1.224.405	58,95	2.076.977
74	COBRE	928.733	1.215.289	140.446	2.284.468	3,16	72.180.478
76	ALUMINIO	18.830.671	919.905	3.542.266	23.292.842	1,79	1.300.888.028
76 4 99 0 3	OUT. FOLHAS DE TIRAS DELGADAS DE ALUMINIO	18.195.637	662.400	1.309.278	20.167.315	47,83	42.164.601
80	ESTANHO	4.442.114	200.519	-	4.650.633	1,96	237.541.533
80 1 1 0 2	ESTANHO EM BRUTO	4.434.520	200.519	-	4.643.039	1,97	235.819.556
82	FERRAMENTAS ARTIGOS DE CUTELARIA E TALHERES DE METAIS COMUNS	4.241.796	1.999.507	4.260.811	10.502.114	9,55	109.922.559
83	OBRAS DIVERSAS DE METAIS COMUNS	1.728.493	379.270	1.596.230	3.703.993	16,67	22.213.525
84	CALDEIRAS, MAQUINAS, APARELHOS E INSTRUMENTOS MECANICOS	95.103.918	24.442.332	31.526.624	151.072.874	6,59	2.290.789.418
84 6 8 1 3	MOTOR DE COMBUSTAO INTERNA P/ VEIC. DA POS.87	8.190.657	489.511	125.253	8.805.421	2,94	299.258.955
84 6 91 2 3	BLOCO DE CILINDRO DE CABEC. E ETC P/MOT. EXPL. COMB.	2.956.774	28.623	8.984	2.994.381	2,14	139.950.905
84 6 91 3 3	CARBURADOR P/ MOT. A EXPL. E COMB.	1.477.778	7.326	25.777	1.510.881	25,28	5.975.568
84 6 91 99 3	OUTRAS PARTES E PECAS SEPARADAS P/ MOTOR A EXPL. E COMB.	1.583.945	133.821	337.874	2.055.640	5,32	38.618.256
84 8 90 0 3	PORTE E PECAS SEPARADAS PARA MOTOR AERONAVE	1.288.322	-	-	1.288.322	73,58	1.750.976
84 10 1 7 3	BOMBAS INJETORAS P/ MOTOR DE COMB. INTERNA	5.885.841	-	-	5.885.841	36,23	16.247.773
84 10 90 0 3	PARTES PECAS P/ BOMBAS, MOTO BOMBAS E TURBO BOMBAS	3.099.982	3.335	247.317	3.350.634	18,96	17.675.747
84 11 2 1 3	MOTOCOMPRESSOR HERM.FRIG. P/REFRIG. E SEM.	396.313	1.005.892	373.777	1.775.982	1,05	168.528.682
84 11 2 3 3	COMPRESSORES FRIGORIFICOS TIPO EMBOLD	1.613.101	94.327	23.830	1.731.258	20,32	8.519.429
84 12 1 99 3	QUALQUER OUTRO GRUPO PARA CONDICIONAMENTO DE AR	48.207	348.846	2.470.507	2.867.560	4,36	65.824.775
84 12 90 0 3	PARTES , PECAS PARA GRUPOS PARA CONDICIONAMENTO AR	1.889.433	-	3.250	1.892.683	55,84	3.389.724
84 15 1 1 3	REFRIGERADOR ELETRICO DE USO DOMESTICO	621.328	236.518	3.990.580	4.848.426	23,00	21.077.767
84 15 7 0 3	INST. OU CONJ. INDS.	811.490	1.152.725	74.250	2.038.465	43,21	4.717.638
84 15 10 1 3	CONGELADOR CONSERVADOR DE USO DOMESTICO	175.431	492.472	1.069.392	1.737.295	39,19	4.433.551
84 17 4 4 3	SECADORES TUMES	1.281.254	40.000	14.000	1.343.254	91,81	1.463.040
84 17 4 5 3	EVAPORADORES	1.085.026	-	-	1.085.026	71,48	1.517.943
84 22 8 2 3	PONTES ROLANTES COM CAPACIDADE ACIMA DE 100T.	1.248.340	-	-	1.248.340	100,00	1.248.340
84 23 2 12 3	MOTONIVELADORAS	2.469.401	302.999	683.220	3.455.620	8,42	41.053.359
84 24 8 1 3	GRADES DE DISCO, DE ARRASTO	-	1.189.992	965.839	2.155.831	20,94	10.292.981
84 25 1 1 3	COLMEDEIRAS COMBINADAS DE ALTO PROPULSAO	5.379.846	2.638.493	2.605.629	10.623.968	39,78	26.789.278
84 40 1 0 3	MAQ. E APR. DE LAVAR USO DOM.	451	1.120.251	426.481	1.547.183	25,46	6.077.218
84 41 90 99 3	PARTES, PECAS P/ OUT. MAQ. DE COSTURA USO DOMESTICO	1.118.426	1.168	2.555	1.122.149	58,38	1.922.290
84 53 2 0 3	MAQUINA DIGITAL COMPL. COM DISPOS. ENTRADA E SAIDA	1.729.764	-	1.970	1.731.734	99,84	1.734.575
84 53 3 2 3	OUTRAS UNIDADES CENTRAIS DE PROCESSAMENTO	1.562.942	645.898	-	2.208.840	2,87	76.993.618
84 53 5 1 3	UNIDADES DE DISCO MAGNETICO	4.434.990	366.461	91.343	4.892.794	6,00	81.512.612
84 55 14 99 3	QQ.OUT.PECAS OU ACESSORIO SEPARADO P/ MAQ. POS.84.53	1.170.287	43.082	320.128	1.533.497	3,31	46.308.419
84 59 11 99 3	QUALQUER OUTRAS MAQUINA E APARELHO P/ IND. DE FUMO	3.626.098	2.300	-	3.628.398	92,70	3.914.115
84 63 1 0 3	ARVORE DE MANIVELA - VIRABREQUIM	2.275.105	42.762	2.663	2.320.530	10,64	21.005.725
85	MAQUINAS E APARELHOS ELETRICOS E OBJETOS DESTINADOS A USOS ELETROTECNICOS	35.049.337	22.407.129	17.944.664	75.401.130	7,77	970.474.041
85 3 1 0 3	PILHAS SECAS - EMULSAO OU SUSPENSAD	2.243.881	930.593	5.026.058	8.200.532	43,59	18.811.151
85 13 1 2 3	CENTRO TELEFONICO AUTOMATICO	4.285.511	6.861.983	183.666	11.331.160	42,56	26.622.387
85 15 1 1 3	APARELHO RECEPTOR DE TV, SEM FONTE PROP. DE ENERGIA	7.924.742	2.094.900	1.715.806	11.735.448	46,17	25.420.135
85 21 2 1 3	TUBO CATHODO P3 TELEVISAO A CORES	5.760.666	11.777	-	5.772.443	79,98	7.217.436
85 23 1 0 3	CABO COND. ISOL.ELET.,S/ARM.MET.	92.263	1.897.634	85.843	2.075.740	25,08	8.277.341

(continua)

(conclusão)

CODIGOS NBH	CAPITULOS E MERCADORIAS	ARGENTINA	URUGUAI	PARAGUAI	A + B + C		TOTAL
		(A)	(B)	(C)	Abs.	%	EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS
87	VEICULOS AUTOMOVEIS, TRATORES, MOTOCICLOS (MOTOCICLETAS, MOTORETAS E SEMELHANTES), VELOCIPEDES BICICLETAS, TRICICLOS E SEMELHANTES), E OUTROS VEICULOS TERRESTRES	84.983.509	82.304.205	37.218.295	204.506.009	7,90	2.588.440.476
87 1 1 9 3	QUALQUER OUTRO TATOR PARA SEMI REPOQUE	-	439.873	5.727.792	6.167.665	13,03	47.332.612
87 1 4 0 3	TRATORES AGRICOLAS DE 4 RODAS	236.796	11.803.054	7.769.093	19.808.943	19,23	103.021.767
87 1 8 0 3	TRATORES DE ESTEIRAS	1.274.118	367.375	862.695	2.504.188	4,22	59.287.070
87 1 9 0 3	UNIDADE TRATORAS RODAS F/TRAT. ECAV.- CARREGADORES	2.971.367	1.240.503	572.290	4.784.160	11,48	41.683.036
87 2 1 1 3	AUTOMOVEIS COM MOTOR ATE 100 CAVALOS D POTENCIA	18.866	3.606.027	1.318.331	4.943.224	,73	675.948.258
87 2 1 5 3	AUTOMOVEIS COM MOTOR DIESEL ATE 100 CAVALOS DE POTENCIA	-	917.909	1.544.188	2.462.097	12,31	20.005.653
87 2 3 1 3	CAMINHAD PESADO ATE 4000 KG	-	291.739	3.860.419	4.152.158	14,79	28.073.941
87 2 3 2 3	CAMINHAD PESADO ACIMA DE 4000 KG	-	1.075.898	3.516.071	4.591.969	1,90	241.664.697
87 2 3 3 3	CAMINHONETAS FURGONES PICK-UPS E SEM.	-	1.068.612	4.096.810	5.165.422	1,54	335.213.030
87 2 4 1 3	ONIBUS INC. ELET., C/ CAP. ACIMA DE 20 PASS.	-	7.803.174	278.394	8.081.568	11,73	68.901.125
87 2 4 5 3	AMEULANCIA	-	1.033.063	38.378	1.071.441	58,52	1.831.022
87 2 5 1 3	VEICULOS CKD ITEMS 87.02.01.01 E 87.02.01.03	6.940.215	21.050.028	-	27.990.243	19,00	147.306.287
87 2 5 3 3	VEICULOS CKD DO ITEM 87.02.01.05	4.672.839	8.005.949	-	12.678.888	100,00	12.678.888
87 2 5 9 3	VEICULO CKD DO ITEM 87.02.01.99	13.177.892	202.903	-	13.380.795	100,00	13.380.795
87 2 7 1 3	VEICULOS CKD DO ITEM 87.02.03.01	-	2.168.034	-	2.168.034	12,08	17.941.508
87 2 7 2 3	VEICULOS CKD DO ITEM 87.02.03.02	-	6.275.338	-	6.275.338	37,63	16.678.008
87 2 7 3 3	VEICULOS CKD DO ITEM 87.02.03.03	-	2.529.363	-	2.529.363	98,61	2.565.051
87 4 5 0 3	CHASSIS PARA ONIBUS E MICRO-ONIBUS	96.096	1.305.992	1.195.849	2.597.937	7,72	33.639.833
87 5 4 0 3	CARROCARIAS PROP. P/ONIBUS E MICRO.	-	1.362.984	914.421	2.297.405	34,68	6.625.179
87 5 6 0 3	CABINES P/ VEICULOS DAS POSICOES 87.01 A 87.03	1.226.241	26.415	25.350	1.278.006	63,76	2.004.414
87 6 13 0 3	CAIXA MARCHA OU MUD. P/VEICULO FOS.87.01 A 87.03	10.635.525	65.376	54.429	10.755.330	19,89	54.066.859
87 6 15 9 3	QUAQUER OUTRO FREIO HIDR. AR , VACUO, MAO, SAP. E SEM.	1.075.238	195.758	172.716	1.443.712	1,65	87.677.908
87 6 21 0 3	PAINEL, QUADR. INSTR. P/ VEICULO DA POS.87.01 A 87.03	1.415.154	9.626	-	1.424.780	79,99	1.781.246
87 6 23 0 3	QUADRO CHASSIS LONGARINA TRAVESS. E PECAS SEM.	2.793.203	1.478	1.290	2.795.971	30,72	9.101.332
87 6 26 0 3	RODAS P/ VEICULOS DA POS. 87.01 A 87.03	1.023.833	98.736	60.340	1.182.909	2,50	47.233.598
87 6 29 0 3	CAPA DIF. E EIXO TRANS. P. VEIC. FOS. 87.01 A 87.03	1.636.852	11.700	8.487	1.657.039	27,29	6.071.109
87 6 99 0 3	OUTROS ACESSORIOS P/ VEICULOS POS 87.01 A 87.03	28.251.551	6.468.890	2.223.697	36.944.138	18,13	203.770.849
88	NAVEGACAO AEREA	24.469.790	1.702.163	12.284.763	38.456.716	10,12	379.878.246
88 2 2 9 3	QUALQUER OUTRO AVIAO A TURBO ELICE	21.923.265	1.650.000	10.248.905	33.822.170	95,11	35.562.487
88 3 0 0 3	PARTES E PECAS DOS AP. COMP. POS. 88.01 E 88.02	2.546.525	52.163	2.035.858	4.634.546	5,56	83.377.652
90	INSTRUMENTOS E APARELHOS DE OTICA, DE FOTOGRAFIA E DE CINEMATOGRAFIA, DE MEDIDA, DE VERIFICACAO, DE PRECISAO; INSTRUMENTOS E APARELHOS MEDICO-CIRURGICOS	7.279.834	1.622.947	1.473.253	10.376.034	7,83	132.431.836
90 10 18 0 3	APARELHO F/ FOTOCOPIA POR SISTEMA OPTICO	1.152.064	-	7.300	1.159.364	27,43	4.227.180
93	ARMAS E MUNICOES	250.423	452.259	3.578.810	4.281.492	7,91	54.112.793
93 7 1 9 3	QUALQUER OUTRA MUNICAO DE CACA E ESPORTE	43.998	39.444	1.942.847	2.026.289	40,69	4.979.797
97	BRINQUEDOS, JOGOS, ART. P/ DIVERTIMENTO E ESPORTE	520.980	338.371	2.442.965	3.302.316	13,67	24.165.045
98	OBRAS DIVERSAS	595.122	891.474	1.288.049	2.774.645	10,13	27.400.557
	SUB-TOTAL DE CAPITULOS	974.141.830	317.736.591	334.955.085	1.626.833.506	7,75	21.001.774.653
	SUB-TOTAL DE MERCADORIAS	816.688.381	232.193.951	229.654.504	1.278.536.836	8,17	15.651.911.610
	OUTROS CAPITULOS	5.243.615	3.860.310	7.009.281	16.113.206	,12	12.787.590.568
	DEMAIS MERCADORIAS	162.697.064	89.402.950	112.309.862	364.409.876	2,01	18.137.453.611
	TOTAL GERAL	979.385.445	321.596.901	341.964.366	1.642.946.712	4,86	33.789.365.221

FONTE DOS DADOS BRUTOS: Banco do Brasil, CADEX, DEPEC

\*Foram selecionadas as mercadorias e capitulos cujas exportações brasileiras de pelo menos um desses países superaram US\$ 1.000.000,00

**ANEXO 3 - EXPORTAÇÕES PARANAENSES PARA  
ARGENTINA, URUGUAI E PARAGUAI**

## A.3.1 - EXPORTAÇÕES PARANAENSES PARA ARGENTINA, URUGUAI E PARAGUAI E TOTAL DAS EXPORTAÇÕES PARANAENSES, SEGUNDO ITENS SELECIONADOS DA NOMENCLATURA BRASILEIRA DE MERCADORIAS\* - 1990

(Em US\$ - FOB)

CODIGO NBM	MERCADORIAS	ARGENTINA	URUGUAI	PARAGUAI	MERCOSUL	TOTAL	PARTIC.
		(A)	(B)	(C)	A + B + C	EXPORTAÇÕES PARANA (D)	MERCOSUL A+B+C/D (X)
2 3 29 0	OUTRAS PECAS DE SUINO CONGELADAS		122.436		122.436	4.880.944	2,51
9 3 0 1	CAFE MAO TORRADO	1.698.212	77.846	27.000	1.803.058	85.142.815	2,12
9 3 0 2	MATE CANCHEADO		5.512.751		5.512.751	5.512.751	100,00
9 3 0 2	MATE BENEFICIADO		1.653.218		1.653.218	6.513.425	25,38
11 7 10 1	MALTE INTEIRO OU PARTIDO, MAO TORRADO			387.457	387.457	387.457	100,00
17 4 90 2	BOMBONS, BALAS ETC			239.444	239.444	239.444	100,00
17 4 90 3	PIRULITOS			155.180	155.180	155.180	100,00
22 8 40 2	AGUARDENTE DE CANA OU CANINHA			591.975	591.975	596.494	99,24
24 2 20 99	CIGARROS CONTENDO FUMO, EXETO FEITOS A MAO			2.224.819	2.224.819	40.157.942	5,54
25 22 20 0	CAL APAGADA			168.748	168.748	168.748	100,00
25 23 29 1	CIMENTO PORTLAND COMUM			3.898.041	3.898.041	3.898.041	100,00
27 10 0 1	GAS OIL OU DIESEL -OIL			12.485.519	12.485.519	12.485.519	100,00
27 10 0 3	GASOLINA AUTOMOTIVA TIPO B, SEG NORMAS D/CNP			393.470	393.470	65.512.717	,60
27 10 0 4	QUEROSENE DE AVIACAO			1.920.921	1.920.921	2.139.599	89,78
28 47 0 0	PEROXIDO DE HIDROGENIO (AGUA HOXIGENADA)	277.803	13.913		291.716	291.716	100,00
31 5 20 0	ADUBOS OU FERT. MIN. OU QUIM., C/3 ELEM FERTIL.			819.540	819.540	819.540	100,00
32 9 10 0	TIN. VERN. A BASE DE POL. ACRILICOS OU VINIL	126.229			126.229	126.229	100,00
33 1 25 1	OLEOS ECENCIAIS DE MENTA ARVENSIS		7.956	302.400	310.356	574.164	54,05
34 5 20 0	ENCAUST., SEM.P/CONS.LIMP.MOV.OUTS.ARTS.,MAD			286.013	286.013	286.013	100,00
34 6 0 2	VELAS DE CERA			166.477	166.477	174.830	95,22
34 6 0 2	VELAS DE PARAFINA			734.257	734.257	784.864	93,55
36 2 0 1	DINAMITE	30.010		193.574	223.584	301.118	74,25
38 2 10 0	CARVOES ATIVADOS	173.374	62.380	9.818	245.572	994.183	24,70
44 7 10 2	PINHO SERR.CORTADO FOLHA DESENH.ESPES. SUP. 6mm.	528.351	353.583		881.934	3.436.986	25,66
47 1 0 0	PASTAS MECANICAS DE MADEIRA	819.132	22.200		841.332	853.032	98,63
48 1 0 2	PAPEL JORNAL ROL./FL.S/LINHA D'AGUA		1.814.417	1.228.455	3.042.872	8.160.178	37,29
48 2 52 1	QQ. OUTRO PAPEL P/IMPR.ESCREV.C/P.40 A 150 GR/M2			397.557	397.557	18.645.708	2,13
48 4 21 0	PAPEL KRAFT P/SACOS GRANDE CAPAC. CRU	13.303	531.433		544.736	1.243.163	43,82
48 4 31 99	OUTRO PAP.,CART.KRAFT,CRU,GRANT NA SUPER A 150	152.965			152.965	4.610.806	3,32
48 18 10 0	PAPEL HIGIENICO			718.514	718.514	721.194	99,63
48 19 20 1	CAIXAS DOBRAVEIS ,DE PAPEL OU CARTAO,N/ OND.	518.992	94.373		613.365	637.112	96,27
48 19 40 99	OUT. SACOS PAPEL PROP.P/PRODS. ALIMENTARES		126.941		126.941	693.270	18,31
48 19 40 99	OUTRS SACOS PAPEL,EXC.P/PRODS. ALIMENTARES	248.254	154.422	7.772	410.448	808.434	50,77
54 7 72 1	OUTS.TEC.85X PESO FIL.SINT.TINTO S/F.BOR.	173.047		223.014	396.061	396.061	100,00

(continua)



(conclusao)

CODIGO NBM	MERCADORIAS	TOTAL EXPORTACOES PARANA		PRINCIPAL PAIS IMPORTADOR	EXPORTACOES MERCOSUL (B)	PARTIC. MERCOSUL B/A
		Abs. (A)	%			
44 12 29 99	OUTRAS MAD. FOLH. OU ESTRAT (N/CONF. S/PAIN.P)	2.718.989	,15	REINO UNIDO	3.115	,11
44 12 19 99	OUTRAS MAD. COMPENS. (EXC. D.MAD.TOPIC.E N/CON.)	2.475.469	,13	REINO UNIDO	0	,00
2 2 30 0	PECAS DESOSSADAS DE BOVINOS, CONGELADAS	2.395.293	,13	ITALIA	0	,00
84 13 70 0	OUTRAS BOMBAS CENTRIFUGAS	2.350.805	,13	IRLANDA	23.312	,99
52 5 12 1	FIOS CRUS, N/BRANQ/MERC ( 232,56D E 714,29D )	2.282.712	,12	ALEMANHA DC.	0	,00
52 5 24 1	FIOS CRUS, N/BRANQ/MERC (125D E 192,31D )	2.128.039	,11	ALEMANHA DC.	0	,00
69 8 90 99	OUTS.LADRILHOS,PLACAS EXC.CIT.ANTER.D/CERAMICA	2.077.620	,11	EUA	68.540	3,30
84 45 19 2	BATEDORES E ABRIDORES-BATEDORES	2.069.412	,11	ALEMANHA DC.	0	,00
72 7 20 1	PROD. LING.CONT. DE 0,25X A 0,6X DE CARBONO	2.049.545	,11	FILIPINAS	0	,00
44 7 10 3	PINHO APLAIN. POL. UNIDO MALHETE ESP. SUP. A 6MM	2.035.015	,11	REINO UNIDO	0	,00
85 9 80 99	OUT. APARELHOS ELETRICOS DE USO DOMESTICO	1.998.763	,11	AFRICA DO SUL	66.485	3,33
84 33 90 0	PART.MQS.LIMPAR SELEC.OVOS FRUT.PRODS.AGRIC.	1.975.105	,11	ITALIA	134.452	6,81
44 15 20 99	PALETES SIMPL. E OUT. ESTRADOS P/ CARGA, D/MAD.	1.958.009	,11	BELGICA	0	,00
29 23 20 0	LECETINAS E OUTROS FOSFOAMINOLIPIDIOS	1.806.526	,10	AL.DC./P.BAI.	27.260	1,51
84 18 30 0	CONG.FREEZER HUR,CAP MAO SUP A 800 LTS.	1.731.004	,09	PARAGUAI	1.161.024	67,07
39 23 21 1	SACOS EXCETO POSTAIS DE POLIMER. DE ETILENO	1.727.859	,09	EUA	18.715	1,08
41 4 29 2	OUT. COURO BOV. WET. BLUE S/FLOR - RASPA -	1.720.741	,09	ITALIA	0	,00
87 8 99 99	OUTS.PARTES E ACESS. D/VEIC. POS. 87.01 A 87.05	1.687.293	,09	SUECIA	39.900	2,36
63 5 31 99	OUTS. SACOS QQ. DM.P/EMB. POLIET. POLIPROF. LAMIN.	1.383.349	,07	EUA	0	,00
85 46 20 0	ISOLADORES DE CERAMICA P/USO ELETRICO	1.354.981	,07	MEXICO	65.957	4,87
41 4 39 2	COURO BOV. S/FLOR PREP. APOS CURTIMENTO	1.293.442	,07	PAISES BAIXOS	0	,00
84 48 32 99	PART. E ECESS.D/BATED., ABRIDORES-BATEDORES	1.292.001	,07	ALEMANHA DC.	0	,00
44 12 21 99	OUTRAS MAD. FOLH. OU ESTRAT (N/CONF. C/PAIN.P)	1.280.467	,07	ARABIA SAUDITA	980	,08
80 1 50 99	ESTANHO MAD LIGADO	1.271.900	,07	PAISES BAIXOS	0	,00
48 4 21 0	PAPEL KRAFT P/SACOS GRANDE CAPAC. CRU	1.243.163	,07	PARAGUAI	544.736	43,82
44 17 0 1	CABOS DE FERRAMENTA, DE MADEIRA	1.195.853	,06	EUA	0	,00
44 8 90 2	INBUJA SER. LONG. CURT. EM FL. DESNR., ATE 6MM	1.175.162	,06	AFRICA DO SUL	0	,00
2 5 0 1	CARNES DE CAVALDS, CONGELADAS	1.143.171	,06	JAPAO	0	,00
90 18 31 2	SERINGAS DE PLASTICO, DESCARTAVEL	1.093.822	,06	MEXICO	0	,00
48 2 52 1	1 PAPEL C/P.40 A 150 GR/K2 P/IMPR.LIVR.JORN.REV.	1.083.244	,06	NGERIA	0	,00
78 1 10 99	CHUMBO REFINADO POR OUTROS PROCESSOS	1.068.120	,06	MALASIA	0	,00
85 44 51 0	OUTS COND. 80 A 1000V, MUNIDO DE PECAS CONEXAS	1.056.847	,06	EUA	0	,00
36 5 0 1	FODFOS DE MADEIRA	1.038.306	,06	BOLIVIA	22.453	2,16
TOTAL DAS MERCADORIAS LISTADAS		1.738.671.457	93,42		51.840.646	2,98
TOTAL DAS EXPORTACOES PARANAENSES		1.861.077.055	100,00		71.630.078	3,85

FONTE: CACEX - Banco do Brasil

\*Foram selecionados os itens da NBM cujas exportacoes paranaenses superam US\$ 1.000.000,00

## A.3.2 - PARTICIPACAO DO MERCOSUL NOS PRINCIPAIS ITENS EXPORTADOS\* PELO PARANA - 1990

CODIGO NBH	MERCADORIAS	TOTAL EXPORTACOES PARANA		PRINCIPAL PAIS IMPORTADOR	EXPORTACOES MERCOSUL (B)	PARTIC. MERCOSUL B/A
		Abs. (A)	X			
23 4 0 1	FARINHA DA ESTRACAO DO OLEO DE SOJA	530.040.330	28,48	PAISES BAIXOS	0	,00
12 1 0 0	SOJA, MESMO TRITURADA	211.767.325	11,38	PAISES BAIXOS	0	,00
15 7 10 0	OLEO SOJA BRUTO, MESMO DEGMADO (DESENGOMADO)	103.807.646	5,58	CHINA	0	,00
9 1 11 1	CAFE MAO TORRADO, MAO DESCAFEINADO, EM GRAO	85.142.815	4,57	EUA	1.803.058	2,12
21 1 10 1	CAFE SOLUVEL	77.960.947	4,19	URSS/EUA	0	,00
52 1 0 0	ALGODAO MAO CARDADO NEM PENTEADO	72.414.454	3,89	TAILANDIA	0	,00
27 10 0 3	GASOLINA AUTOMOTIVA TIPO B, SEG NORMAS D/CMP	65.512.717	3,52	EUA	393.470	,60
48 4 11 0	PAPEL, CARTAO KRAFT, CRU	53.893.532	2,85	ITALIA	0	,00
2 7 21 0	GALOS E GALINHAS N/ CORT. EM PEDACOS, CONG.	51.904.474	2,79	ARABIA SAUDITA	0	,00
24 2 20 99	CIGARROS CONTENDO FUMO, EXETO FEITOS A MAO	40.157.942	2,16	BELGICA	2.224.819	5,54
2 7 41 1	PEDACOS DE GALOS OU DE GALINHAS, CONGELADOS	22.934.906	1,23	JAPAO	0	,00
50 4 0 0	FIOS SEDA (EXC. FIOS DESP.SEDA) N/AC.P/VD.RET.	22.313.736	1,20	JAPAO	0	,00
87 4 23 1	CAKIN.N.PIS.IG.C.DIES.CARGA SUP.,A 20T	21.768.944	1,17	PERU	845.724	3,89
72 7 11 99	OUTS. PROD. LARG.ATE 2X ESP.,INF.0,25X CARB.	20.593.204	1,11	FORMOSA	0	,00
41 4 29 1	O. COUROS BOV. INT/MEIO WET BLUE FLOR INTEGRAL	20.129.103	1,08	ESPANHA	0	,00
44 12 12 99	OUTRAS MAD. COMPENS. (1 OU 2 FAC.MAD.N/CONF.)	19.875.752	1,07	PORTO RICO	51.897	,26
41 4 31 2	COURO BOVINO PREP. S/ACAB. CURT. CROMO FLOR INTEG.	19.224.883	1,03	EUA	0	,00
46 2 52 1 99	QQ.OUTRO PAPEL P/IMPR.ESCREV.C/P.40 A 150 GR/M2	18.645.708	1,00	IRAN	397.557	2,13
21 1 10 99	OUTS. EXTR. ESSENC. CONC. D/CAFE, EXC. SOLUVEL	16.186.735	,87	JAPAO	0	,00
69 8 90 1	AZULEJOS E LADRILHOS DECORADOS DE CERAMICA	13.411.152	,72	REINO UNIDO	316.599	2,36
27 10 0 1	GAS OIL OU DIESEL -OIL	12.485.519	,67	PARAGUAI	12.485.519	100,00
87 1 20 99	OUTROS TRADORES RODOVIARIOS P/SEMI-REBOQUES	11.157.922	,60	PERU	2.621.539	23,49
84 52 21 2	UNIDADES AUTOM/COSTURAR TECIDOS	10.985.021	,59	CINGAPURA	27.683	,25
87 2 10 1	ONIBUS COM CAPAC.P/MAIS DE 20 PASSAGEIROS	10.329.395	,56	PERU	1.581.718	15,31
84 13 91 0	PARTES DE BOMBAS P/LIQ.,MESMO C/DISP.MEDID.	9.857.827	,53	EUA	713.133	7,23
15 12 29 0	OUTROS OLEOS DE ALGODAO EXC. EM BRUTO	8.806.377	,47	EGITO	0	,00
43 1 0 2	PAPEL JORNAL ROL./FL.S/LINHA D'AGUA	8.160.178	,44	EGITO	3.042.872	37,29
41 4 31 3	COURO BOV. CURT. CR.FLOR INT. C/ACB. ANIL/PIG.	7.531.836	,40	ALEMANHA OC.	0	,00
84 13 30 2	BOMBAS INJET.P/MOTOR DE EXPLOSAO	7.283.220	,39	ALEMANHA OC.	3.030.735	41,61
9 3 0 2	MATE BENEFICIADO	6.513.425	,35	CHILEE	1.653.218	25,38
84 14 80 3	COMPRESS.DE GASES ,EXCETO AR,DESL.ALT.,PISTAO	6.037.958	,32	AFRICA DO SUL	1.168.394	19,35
9 3 0 2	MATE CANCHEADO	5.512.751	,30	URUGUAI	5.512.751	100,00
64 6 10 1	PORTE SUP.COURO P/CALC.EXC.CONTRAF.BIQ.RIG.	5.493.213	,30	ALEMANHA OC.	0	,00
2 3 29 0	OUTRAS PECAS DE SUINO CONGELADAS	4.800.944	,26	HONG KONG	122.436	2,51
52 5 23 1	FIOS CRUS, N/BRANQ/MERC (192,310 E 232,560 )	4.702.947	,25	GRECIA	0	,00
44 18 20 0	PORTAS E RESP. CAIXILH.,ALIZ.E SOLEIRAS DE MAD.	4.671.549	,25	PORTO RICO	34.725	,74
85 17 30 1	CENTRAL DE COMUTACAO AUTOMATICA P/TELEFONIA	4.649.431	,25	EQUADOR	94.915	2,04
48 4 31 99	OUTRO PAP.,CART.KRAFT,CRU,GRAHT NA SUPER A 150	4.610.806	,25	IRAN	152.965	3,32
15 15 21 0	OLEO DE MILHO EM BRUTO, MAO QUIHIC/MODIFIC.	4.565.900	,25	PAISES BAIXOS	0	,00
84 33 59 1	COLHEDEIRAS COMBINADAS	4.554.121	,24	ARGENTINA	2.911.761	63,94
44 7 23 1	MAD. INBUIA SIMPL. SER/FEND. LON. CO. ESP. SUP 6MM	4.238.176	,23	AFRICA DO SUL	0	,00
53 5 99 1	RAMI PENTEADO	4.233.523	,23	JAPAO	0	,00
84 9 99 7	BICOS INJETORES P/MOTORES DA POS.84.08	4.131.121	,22	EUA	735.353	17,80
23 6 10 1	FARINHA DA ESTRACAO DO ALGODAO	3.953.075	,21	PAISES BAIXOS	0	,00
72 14 20 2	BARRAS FERRO,ACO DENTADAS,DE 0,25-0,6 C.	3.922.960	,21	COREIA DO SUL	0	,00
25 23 29 1	CIMENTO PORTLAND COMUM	3.898.041	,21	PARAGUAI	3.898.041	100,00
50 1 0 0	CASULOS DE BICHO DA SEDA PROPRIOS P/DOBAR	3.895.387	,21	JAPAO	15.000	,39
44 12 99 99	OUTRAS MAD. FOLH. OU ESTRAT (EXC.N.CONIF. S/PP)	3.809.700	,20	REINO UNIDO	6.280	,16
44 7 10 2	PINHO SERR.CORTADO FOLHA DESENH.ESPES. SUP. 6mm.	3.436.986	,18	REINO UNIDO	881.934	25,66
44 12 11 99	OUTRAS MAD. COMPENS. (1 OU 2 FAC.MAD.TOPIC.)	3.395.322	,18	PORTO RICO	0	,00
69 8 90 1 99	QQ.OUT.AZULEJO E LADR.EXC.DECO DE CERAMICA	3.225.236	,17	EUA	164.619	5,10
44 18 90 99	OUTS. OBRAS DE MARCEN. OU DE CARP. P/CONSTRU.	3.028.382	,16	REINO UNIDO	1.800	,06
44 8 20 2	MAHOGANI (MOGNO) SER. LONG. CORT. DESENH. ATE 6MM	3.008.850	,16	EUA	0	,00
17 1 99 1	ACUCAR REFINADO, MESMO EM TABLETES	2.882.224	,15	EUA	0	,00
68 11 18 1	CHAPAS ONDULADAS DE AMIANTO-CIMENTO	2.773.202	,15	PARAGUAI	2.773.202	100,00

(continua)

CODIGO	NBH	MERCADORIAS	ARGENTINA	URUGUAI	PARAGUAI	IMERCOSUL	TOTAL	PARTIC.
			(A)	(B)	(C)	(A + B + C)	EXPORTACOES IPARANA (D)	IMERCOSUL IA+B+C/D (X)
68 11 18	1	CHAPAS ONDULADAS DE AMIANTO-CIMENTO			2.773.202	2.773.202	2.773.202	100,00
68 11 90	1	TANQUE E RESERVATORIO D/ AMIANTO-CIMENTO			131.279	131.279	131.279	100,00
69 5 10	0	TELHAS DE CERAMICA			194.591	194.591	194.591	100,00
69 8 90	1	AZULEJOS E LADRILHOS DECORADOS DE CERAMICA	30.756	12.879	272.964	316.599	13.411.152	2,36
69 8 90	1	QQ.OUT.AZULEJO E LADR.EXC.DEC0 DE CERAMICA		290	164.329	164.619	3.225.236	5,16
73 8 20	1	TORRES P/CONST.,D/FERRO FUND.,FERRO Aço			353.770	353.770	477.142	74,14
73 17 0	2	PREGOS DE FERRO FUNDIDO,FERRO OU Aço			424.783	424.783	424.783	100,00
73 21 11	1	FOGDES D/COZ.A COMB.GASOSOS,GAS,FERRO.Aço			233.663	233.663	233.663	100,00
73 21 13	1	FOGDES COZINHA,A LENHA,DE FERRO FUNDIDO,FERRO			514.402	514.402	514.402	100,00
73 23 10	0	PALHA FERR.Aço,ESPONJAS,SEK.P/LIMP.POL.FER			288.390	288.390	288.390	100,00
84 9 99	7	BICOS INJETORES P/MOTORES DA POS.8400	515.236	14.122	205.995	735.353	4.131.121	17,80
84 9 99	99	OUT.PARTES P/MOTORES DA POSICAO 84.00	118.310	12.968	20.954	152.232	325.024	46,84
84 13 30	2	BOMBAS INJET.P/MOTOR DE EXPLOSAO	3.030.735			3.030.735	7.283.220	41,61
84 13 91	0	PARTESDE BOMBAS P/LIQ.,MESH0 C/DISP.MEDID.	473.295	35.434	204.404	713.133	9.857.827	7,23
84 14 80	3	COMPRESS.DE GASES ,EXCETO AR,DESL.ALT.,PISTAO	1.168.394			1.168.394	6.037.958	19,35
84 18 21	0	REFRIGERADORES DE COMPRESSAO DO TIPO DOMES.		38.954	221.570	260.524	289.576	89,97
84 18 30	0	CONG.FREEZER HUR,CAP NAO SUP A 800 LTS.		272.551	888.473	1.161.024	1.731.004	67,07
84 18 69	5	INST.INDL. P/ PROD.DE FRIO FORN P/EL INDEPEND.		322.390	322.390	322.390	322.390	100,00
84 33 59	1	COLHEDEIRAS COMBINADAS	1.642.190	721.457	548.114	2.911.761	4.554.121	63,94
84 65 91	1	SERRA CIRCULAR P/MADEIRA	375.442	26.507	5.655	407.604	418.424	97,41
85 9 40	2	LIQUIDIFICADORES ELETROMECC.-USO DOMESTICO 1			564.417	564.417	688.294	82,00
87 1 20	99	OUTROS TRARORES RODOVIARIOS P/SEMI-REBOQUES	78.402	175.112	2.368.025	2.621.539	11.157.922	23,49
87 2 10	1	ONIBUS COM CAPAC.P/MAIS DE 20 PASSAGEIROS		1.131.000	450.718	1.581.718	10.329.395	15,31
87 4 23	1	CAMIN.M.PIS.IG.C.DIES.CARGA SUP, A 20T	364.306		481.418	845.724	21.768.944	3,89
TOTAL DAS MERCADORIAS LISTADAS			12.556.738	13.311.533	38.891.081	64.759.352	372.918.737	17,37

FONTE: CAEX - Banco do Brasil

\*Foram selecionadas as mercadorias cujas exportacoes paranaenses para pelo menos um desses paises superam US\$ 100.000,00 FOB

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 ACOMPANHAMENTO DA SITUAÇÃO AGROPECUÁRIA DO PARANÁ. Curitiba : SEAB/DERAL, 1980-.
- 2 ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO BRASIL. Rio de Janeiro : IBGE, 1982, 1984, 1986, 1987, 1990.
- 3 BANCO REGIONAL DE DESENVOLVIMENTO DO EXTREMO SUL. Integração sul-americana : a questão agroindustrial/regional. Curitiba, 1988. 25 p.
- 4 BRASIL. Ministério da Agricultura. Diagnóstico da maçã : versão preliminar para análise. s.l. : s.n., 1991. 37 p.
- 5 COMÉRCIO EXTERIOR. Brasília : Ministério das Relações Exteriores.
- 6 IPARDES - FUNDAÇÃO ÉDISON VIEIRA. Acordos Brasil/Argentina : grupos de interesse e impactos no complexo trigo nacional. Curitiba, 1989. 97 p.
- 7 ----- Complexo de produção de proteína animal : documento síntese. Curitiba, 1989. 47 p.
- 8 ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS DO ESTADO DO PARANÁ. Argentina: produção e economia. Curitiba, 1988. 84 p.
- 9 ----- Cooperativismo e agroindústria no Paraná. Curitiba, 1990. 99 p.
- 10 ----- Trigo: produção, industrialização e comercialização. Curitiba, 1990. 65 p.
- 11 PROGNÓSTICO AGROPECUÁRIO DO PARANÁ 1987/88. Curitiba : SEAB/DERAL, 1987.
- 12 SCHMIDT, Wilson. A integração Brasil-Argentina : maçãs e manzanas para o mercado brasileiro. Florianópolis : s.n., 1988. 31 p. Trabalho apresentado no Seminário: A Integração Argentina-Brasil-Uruguay: Opções e Desafios para os seus Sistemas Agroindustriais e Alimentares, Rio de Janeiro, 1988.
- 13 UNIÃO BRASILEIRA DE VITIVINICULTURA. Diagnóstico do setor vitivinícola : a agroindústria do vinho; a viticultura. Bento Gonçalves : UVIBRAS, 1991. 39 p.
- 14 VISÃO : QUEM É QUEM NA ECONOMIA BRASILEIRA. São Paulo : Visão, v.40, n.44-A, 1990.